

Arquivo X O ser do espaço

Capítulo 1

As estrelas enchiam todo o céu sobre o Iraque. Eram tão estonteantes como diamantes brilhando sobre a escuridão do deserto. Não havia sinal algum de nuvem nem luar para obscurecer o brilho delas. A fumaça suspensa que tinha sido provocada pelos incêndios de poços de petróleo já não existia mais. A Guerra do Golfo, que havia deixado toda aquela região em chamas, terminara muitos anos antes. Só havia uma coisa para perturbar aquele pacífico cenário - a trilha de vapor deixada por um avião a jato, cortando o céu acima do deserto.

A aeronave era um jato de combate do tipo Tupolev TV-22 Blinder - um dos mais modernos aviões de ataque da Rússia, entregue ao Iraque pouco antes da Guerra do Golfo. Tinha sido um dos poucos que sobrevivera à vergonhosa derrota diante das forças norte-americanas e de seus aliados.

O piloto devia agradecer a sua estrela da sorte por ter conseguido sobreviver também. Sadoun Janadi ainda estava em fase de treinamento quando a guerra acabou. Quando se tornou oficial, os céus estavam seguros de novo. Podia voar em suas missões de patrulha sem qualquer perigo de ser atacado. E também podia relaxar, por trás de sua máscara de oxigênio, desfrutando da beleza de uma noite como aquela.

No fundo, Janadi era um poeta. Ele olhou para as estrelas, algumas brilhando sozinhas, outras em grupos de centenas, milhares de espessos pontos brilhantes. Tentou pensar em palavras que pudessem traduzir aquele esplendor, como os poetas árabes haviam feito durante milhares de anos.

De repente, Janadi deixou de lado sua vontade de ser poeta. Ainda era um piloto de combate, com um trabalho a fazer.

Sua responsabilidade era proteger o Iraque de invasores aéreos. E estava vendo um deles naquele momento.

Ainda estava muito longe, e parecia tão pequeno como as estrelas acumuladas ao seu redor. Mas estava ficando rapidamente maior e mais brilhante. Apenas alguns segundos depois ele já podia identificar o seu formato, semelhante ao de um grande charuto. Suas luzes piscavam com intensidade e tinham cores diferentes, vermelhas, verdes e azuis.

Janadi olhou para a tela de radar no painel de seu avião, para confirmar o que estava vendo.

A tela nada mostrava.

Janadi tornou a olhar para aquele estranho objeto. A coisa movia-se pelo céu em uma linha reta como o afiado corte de uma lâmina de barbear. Enquanto Janadi observava, o objeto parou e ficou pendurado no céu, imóvel. Mas suas luzes continuavam a piscar.

Janadi franziu as espessas sobrancelhas. Seu radar devia estar com defeito. E não era surpresa. A força aérea de seu país não tinha estoque suficiente de

peças de reposição, e isso sem falar da falta de mecânicos. Ele tinha de confiar apenas nos seus olhos.

Concentrou a vista no objeto. Havia aprendido a identificar todo e qualquer tipo conhecido de aeronave, tanto hostil como amigável ao seu país. Mas aquela era novidade para ele. Ligou o rádio e entrou em contato com sua base de operações.

- Aqui é Al-Hadithi - respondeu uma voz em idioma árabe. "Ótimo", pensou Janadi. Ele conhecia muito bem Al-Hadithi. Era um excelente operador técnico, especializado em observações pelo radar, ao contrário de outros, muito mais jovens, trazidos apressadamente ao serviço para substituir aqueles que haviam morrido na guerra.

- Base, aqui fala a Patrulha Seis - disse Janadi. - Solicito identificação de um objeto que se encontra a umas 25 milhas de minha posição, no rumo 340.

Houve uma longa pausa.

Então, no meio da forte estática do rádio, Al-Hadithi respondeu:

- Identificação negativa do objeto. Nenhum sinal de algo nessa área. Tem certeza de que está com o rumo correto?

Janadi tornou a verificar os instrumentos do painel.

- Certeza absoluta - respondeu ele. - Isto é, se meus instrumentos estiverem funcionando direito. Por favor, faça uma nova leitura do radar.

Mais uma vez fez-se uma pausa na comunicação. E de novo Al-Hadithi disse:

- Negativo. Nenhum objeto avistado.

Janadi mordeu os lábios. Ele nunca havia confiado nos radares russos. E tornou a olhar pela janela lateral.

O objeto havia desaparecido.

- Alô! Alô! - disse Al-Hadithi. - Você ainda tem contato visual com o objeto desconhecido? - Não. Eu o perdi de vista - respondeu Janadi. Mas tenho certeza de que estava ali, a apenas alguns momentos. Eu...

E foi apenas isso que conseguiu dizer.

Uma luz muito forte explodiu quase em cima de seu avião. Um barulho ensurdecador sufocou o som do rádio. O coração de Janadi quase parou. Ele ficou sentado, congelado como uma estátua, com as mãos nos controles.

De repente, a luz forte e o barulho desapareceram.

Janadi percebeu que tinha permanecido com a respiração presa. Estava deixando escapar um suspiro de alívio quando ouviu os gritos de Al-Hadithi no alto-falante do rádio:

- O radar mostra que você está sendo atacado! Vários objetos voando ao seu redor, a uma velocidade muito alta. Uma velocidade inacreditável. Entre logo em posição de ataque. Janadi não precisava ser avisado. Já havia puxado o manche para trás, e sua aeronave estava subindo em ziguezague. Seus olhos quase se fecharam quando ele fechou o loop e partiu para o ataque contra aquela coisa que estava voando ali embaixo.

Ele não conseguia ver o objeto. Mas dispunha de um sistema eletrônico de telemetria dos armamentos que podia enxergar muito melhor do que ele. A luz do sistema começou a piscar.

- Estou com a mira no alvo! - disse ele no microfone.

- Tem permissão para começar a atirar - autorizou Al Hadithi.

Janadi apertou o botão para disparar o foguete da asa direita. E ficou observando quando o foguete partiu na frente de uma esteira de fumaça, em busca de um ponto de calor.

Alguns segundos depois todo o céu se iluminava, graças a uma enorme bola de fogo amarela e alaranjada.

- Acertei em cheio! - gritou Janadi exultante, ao mesmo tempo em que inclinava sua aeronave para a direita, subindo e afastando-se das chamas. - Consegui acertá-lo!

- Ótimo trabalho - respondeu Al-Hadithi. - Agora, retorne à base e faça um relatório completo.

Foi só então que Janadi percebeu que o trabalho daquela noite ainda estava longe de ser terminado. Não tinha a menor idéia a respeito de quem ou do que havia atingido. E não poderia sequer imaginar o que tinha sido antes que alguém encontrasse os destroços no solo. Só podia pedir a Deus que tivesse sido uma aeronave inimiga.

Janadi suspirou. E procurou preparar-se para o longo interrogatório que teria de enfrentar na base, com muitas perguntas para as quais não tinha respostas. Só podia pensar em uma coisa a seu favor: não poderia ser acusado de haver realizado um ataque por engano se ninguém conhecia a vítima.

- O que foi... - resmungou o sargento Eustace Miller. Um estrondo ensurdecedor o fizera despertar de um delicioso sonho com sua família.

- Foi algum tipo de estrondo sônico - disse o especialista de primeira classe Horace Keller, que dormia em um catre ao lado. Sua voz era fraca e sonolenta.

- Nunca ouvi um estrondo sônico como esse - disse Miller. - Acho melhor dar uma olhada lá fora.

- E ainda hoje você estava se queixando da chatice de trabalhar neste lugar - emendou Keller, puxando para cima as pesadas calças de brim cáqui.

Nenhum dos dois soldados norte-americanos perdeu tempo em calçar seus coturnos para sair da barraca. Pertenciam às forças da Otan estacionadas na Turquia e que mantinham sob observação a fronteira do Iraque, para o caso de os iraquianos não terem aprendido sua lição. Aquele era o primeiro sinal de problema desde que eles haviam chegado, quatro meses antes.

Os dois pararam assim que chegaram do lado de fora da porta. No meio da mata, a apenas alguns metros de distância, estavam os destroços de alguma coisa em chamas.

- Aquilo parece um jato que caiu - disse Miller.

- Vou buscar o extintor de incêndio - completou Keller.

- Você conhece bem o regulamento. Primeiro temos de informar sobre isso, e sem demora - alertou Miller. - Seja como for, duvido que exista alguma coisa viva no meio daqueles destroços.

- É... - disse Keller. - Além do mais, sou capaz de apostar que o piloto conseguiu ser ejetado com seu assento.

Os dois voltaram para dentro da barraca. Era uma barraca militar das mais primitivas, mas o equipamento de rádio de que dispunham era da mais avançada tecnologia. Bastava tocar em um botão e Miller estaria em contato com o Comando Geral.

- Crescente do Sul para Crescente Vermelho - disse ele. Temos uma aeronave caída, bem perto do nosso acampamento. Talvez um avião dos nossos. A voz no rádio respondeu:

- Negativo, Crescente do Sul. Não temos coisa alguma no céu neste momento.

- Bem, tem alguma coisa queimando no chão, aqui pertinho - disse Miller. - Avise Unidade de Evacuação Médica para manter-se em alerta. Talvez tenham de cuidar de pessoas feridas. Vamos examinar os destroços e toda a redondeza do acampamento agora.

- Informe imediatamente sobre o que descobrir - ordenou a voz no alto-falante.

- Sim, senhor - respondeu Miller. E desligou o aparelho.

- Eu trouxe o extintor - informou Keller.

- Vou apanhar o kit de primeiros socorros para o caso de encontrarmos alguém com vida por lá - disse Miller.

Do lado de fora da barraca, Miller olhou para o céu.

- Que diabo será aquilo? - perguntou ele.

Acima deles, uma luz muito forte piscava, mudando de cor, do vermelho para o verde e o azul.

- Talvez seja uma estrela cadente - sugeriu Keller.

- Estrelas cadentes não ficam paradas no meio do céu como aquilo - disse Miller.

- Quem sabe? - perguntou Keller, encolhendo os ombros. - Tem um montão de coisas estranhas nesta parte do mundo.

- É mesmo... - concordou Miller. - Seja como for, não podemos ficar parados aqui, assistindo a este espetáculo de luzes. Recebemos ordens de verificar aqueles destroços.

- Bem, lembre-se do que nos ensinaram no treinamento especial - alertou Keller. - Espere o inesperado... e esteja pronto para enfrentá-lo.

- Certo - disse Miller, enquanto se aproximavam cuidadosamente dos destroços na floresta. - Só que não sei como podemos estar preparados para alguma coisa que nem temos idéia do que seja.

Enquanto isso, acima deles, a luz ainda permanecia parada no ar, piscando de modo irregular, como se estivesse mandando uma mensagem que nenhum ser humano poderia decifrar.

Capítulo 2

Algumas noites depois, do outro lado do mundo, as estrelas brilhavam intensamente sobre o Tennessee, Estados Unidos. Mas o motorista de uma grande carreta que corria pela Rodovia 100 não estava olhando para elas. Seus olhos estavam pregados na estrada que se estendia, totalmente vazia, até onde a vista conseguia alcançar. De vez em quando ele esfregava os olhos para poder mantê-los abertos, e passava a mão pela barba de dois dias em seu queixo para poder permanecer alerta.

Fazia tempo que estava dirigindo, e os comprimidos que tomara para ficar

acordado já estavam perdendo o efeito. Adoraria poder parar e tirar um cochilo ao lado da estrada. Mas ordens eram ordens, e ele tinha recebido instruções expressas no sentido de entregar sua carga sem demora. Tinha aquele emprego porque sabia como cumprir as ordens recebidas, fossem elas quais fossem. Talvez perdesse mais do que seu emprego se não cumprisse direitinho as instruções recebidas.

Leu a placa de sinalização que passava ao lado: REACO, TENNESSEE 40 MILHAS. “Mais de meia hora de viagem”, pensou ele, “mesmo ignorando os limites de velocidade”. Estendeu o braço para a frente e aumentou o volume do rádio, procurando mais um jeito de não cair no sono. A explosão sonora afogou as conversas chatas que vinham pelo receptor de radioamador.

Uma forte onda de aplauso ecoou pela cabine do caminhão. Uma voz bastante forte anunciou: “De Opryland, esta é a emissora country WSM 650. Este programa é oferecido pelo Pó Analgésico Goody...”.

- Vamos, chega de papo furado! - disse o motorista, com os dedos batendo nervosamente sobre o volante. - Comece logo a música. Preciso de algo bem forte e ritmado...

Mas, de repente, a transmissão do rádio transformou-se em estática.

- Que é isso...? - perguntou o motorista, enquanto virava o botão do rádio. Tinha o rosto vermelho de ódio. Não gostava quando as coisas não davam certo. Tudo tinha de dar certo naquele trabalho.

Ao mesmo tempo, olhava para o assento ao seu lado, com o olhar nervoso como o de um gato. Aquele espaço era chamado “Assento do Guarda Armado”. E, naquele momento, o assento da direita fazia jus a esse nome. Uma garrucha Mossberg 500, calibre 12, de recarga rápida e coronha especial fazia a viagem ao seu lado, bem perto e ao alcance de suas mãos.

A estática do rádio não desaparecia. Entrava de modo irritante no cérebro dele, como papel de lixa. Com os dentes cerrados, ele decidiu deixar o rádio de lado. Levou a mão até o outro botão e desligou o aparelho.

No lugar da estática, voltou a ouvir o papo de vozes que vinham pelo radioamador.

Em geral, àquela hora da noite, as vozes eram relaxantes, vagas, como se as pessoas estivessem conversando umas com as outras em sonho.

Mas, naquela noite, tinham a tonalidade do pânico, como se aquele sonho fosse um pesadelo. A primeira pessoa que ele ouviu disse:

- Aquilo era... Aquilo tinha a forma... de um grande charuto... com luzes vermelhas e verdes... E voava tão rápido como o demônio...

Uma segunda voz interrompeu, dizendo:

- Já vi três objetos desses voando por cima de Chester County! Estou tão certo disso como estou de estar aqui agora, tremendo dentro de minhas botinas!

Uma terceira voz anunciou:

- Certo! Certo! Nada menos do que seis patrulheiros rodoviários perseguiram aquilo pela Rodovia 22!

Então, as vozes foram sufocadas pelo barulho irritante de uma sirene que gemia do lado de fora. A cabeça do motorista virou para o lado, na direção do barulho estridente. Um carro da patrulha estadual passou ao lado do caminhão, e foi como se a grande carreta estivesse parada na estrada.

O barulho da sirene foi diminuindo, enquanto a viatura policial ia sumindo de vista na estrada. A primeira voz tornou a aparecer no radioamador. E o sujeito estava gritando:

- Estou vendo um deles agora! Está acima da torre da caixa d'água!

- Que diabo está acontecendo por aqui? - perguntou o motorista a si mesmo, enquanto esperava pela próxima voz no rádio. Então, o radioamador ficou em silêncio.

E as luzes do caminhão se apagaram. O motor morreu. O enorme veículo foi diminuindo a marcha, até parar.

Frenético, o motorista girou a chave na ignição. Nada aconteceu. Ele ligou e desligou várias vezes o radioamador. E nem ali havia energia.

Seus olhos se estreitaram. Ele tomou uma decisão. Com uma das mãos apanhou a lanterna que estava no porta-luvas. Com a outra, apanhou a garrucha do assento do passageiro.

Com todo o cuidado, desceu da cabine, pelo lado do motorista. Ficou sob as estrelas, no meio da escura e vazia rodovia, olhando para todos os lados.

De repente, seus nervos ficaram rígidos. Um zumbido forte veio de cima. Era muito alto. Mas não o bastante para evitar que o motorista ouvisse sua própria respiração ofegante e as batidas intensas de seu coração.

Com a garrucha preparada para disparar, ele virou-se em busca de algo, para a esquerda, para a direita, para a frente, para trás, para baixo e para cima. Foi então que viu aquela coisa... fosse o que fosse. Era uma forma estranha, obscurecendo uma grande quantidade de estrelas. A única coisa que ele sabia com certeza era de que se tratava de alguma coisa muito grande, negra como a própria noite. Engatilhou a arma com a mão esquerda e levantou a lanterna. Então, ouviu uma pancada.

Apontou com o facho da lanterna para a traseira do caminhão e viu que o painel do compartimento de carga estava aberto.

- Tenho certeza de que fechei aquilo... - Sua respiração ficou presa na garganta.

Na frente do facho da lanterna aparecia um par de olhos. Olhos amarelos. Olhos inumanos. O motorista deixou cair a lanterna. Apontou a garrucha e disparou. De novo e de novo. E mais uma vez.

Capítulo 3

Capítulo 3

O agente especial Fox Mulder curvou o corpo para a frente. Apanhou um cartucho de garrucha que estava sobre o asfalto. Erguendo-se de novo, olhou para o cartucho. Então, sem dizer nada, passou o cartucho para sua parceira, a agente especial Dana Scully.

Era um dia bastante frio no Tennessee. O vento daquele final de outono perseguia as nuvens altas que se desenhavam contra o céu de um azul profundo.

O sol brincava de esconde-esconde, inundando a Rodovia 100 com raios fortes em dado momento e desaparecendo nas sombras no momento seguinte. As folhas balançavam ao vento nas árvores plantadas ao lado da rodovia onde se encontravam os dois agentes do FBI.

Mulder e Scully tinham vindo de Washington, capital, de avião, antes mesmo do amanhecer. Um telefonema da sede geral do FBI havia feito Mulder despertar do sono profundo no meio da noite. Ele havia chamado Scully no mesmo instante. Algumas vezes demorava bastante para decidir se um caso pertencia ou não aos Arquivos X. Mas aquele caso não dava lugar a dúvidas. Muitas coisas estranhas aconteceram aquela noite no Tennessee.

Scully procurara certificar-se de que caberia a ela a responsabilidade de sentar-se ao volante do carro alugado que eles apanharam em Memphis. Um dos dois tinha de manter a calma e, para variar, isso era com ela.

Agora, ela lançava um olhar frio sobre o cartucho que Mulder acabara de lhe entregar.

- Pela maneira como o caminhoneiro descreveu o episódio, os olhos contra os quais atirou poderiam ser os de um leão-da-montanha - disse ela a Mulder. - Esses animais ainda andam pelas colinas nesta região.

- Tudo é possível - concordou Mulder, sem emoção alguma na voz.

- É sabido que os leões-da-montanha... - começou Scully. Mas Mulder já estava caminhando para longe dela, de volta para o carro alugado.

Enquanto Scully o observava, ele apanhou dois cronômetros da pasta. Cuidadosamente regulou os dois para zero. Então colocou um dos cronômetros sobre o assento do carro e o outro em um dos seus bolsos. Apanhou a pasta e dirigiu-se de volta para o ponto assinalado com giz vermelho na estrada, que indicava onde o caminhão havia parado na noite anterior. Scully sabia que aquele não era o momento para fazer perguntas, logo descobriria o que Mulder estava pretendendo fazer. Quando ele percebia alguma coisa estranha no ar, agia com bastante rapidez.

Naquele momento, a única coisa que ela podia fazer era um comentário:

- O Serviço Nacional de Meteorologia informou a presença de rápidas tempestades elétricas movimentando-se nesta área. Elas poderiam ter causado a queda de raios em determinados pontos isolados.

- É possível - respondeu Mulder. Ele havia tirado uma máquina fotográfica da pasta e estava tirando fotos da área.

- Talvez o caminhão tenha sido atingido por um raio - insistiu Scully. - Uma descarga dessas poderia ter causado falhas nos sistemas elétricos do veículo.

- Talvez - repetiu Mulder, ajoelhando-se sobre a estrada. Com uma pequena espátula de metal ele colheu uma amostra de uma fina poeira cinzenta que havia sobre o asfalto. Depositou a amostra em um pequeno frasco de vidro, do tamanho de uma embalagem para filme fotográfico. E colocou o frasco em uma sacolinha de plástico com rótulo.

- Existe uma explicação lógica para tudo que aconteceu. - continuou Scully. - Minha sugestão é que continuemos investigando a partir dessa premissa. Então, se não chegarmos a qualquer conclusão, poderemos escolher um caminho menos plausível para continuar. Mulder nem se preocupou em responder. Estava tirando do bolso um pequeno detector de radiação para pesquisa da área. Quando ele

começou a varrer todo o local com o detector, Scully disse:

- Há um brejo ali na frente. As luzes que o motorista disse ter visto poderiam ter sido resultado de gás do pântano.

- Gás do pântano? - perguntou Mulder distraído. A agulha do mostrador do aparelho em sua mão indicava 0,1 mR/h. Olhando por cima do ombro dele, Scully leu a indicação do mostrador.

- Está um pouco acima do normal - observou ela. - O gás do pântano é um fenômeno natural, bastante comum em áreas de brejo. Os restos de plantas mortas e outros tipos de matéria orgânica criam fósforo químico e metano incandescente. Esses gases sobem para a atmosfera e se combinam. Como resultado, formam-se pequenas bolas de chama azul.

- Isso acontece comigo quando eu como cachorro-quente com queijo e pimenta - disse Mulder, caminhando lentamente pelo asfalto com o detector de radiação à sua frente.

Ele parou. Olhou para o detector e depois para Scully. O mostrador assinalava a marca de 0,5 mR/h.

Mulder esperou alguns instantes, para que Scully inventasse uma explicação para o súbito aumento na radiação. Ela não tinha explicação.

- Como você acha que uma dezena de testemunhas, inclusive os homens de toda uma frota de viaturas policiais, poderiam ter ficado histéricos só por causa da presença de gás do pântano? - perguntou Mulder.

- É muito difícil para... Isto é, pode ser bem difícil... pelo menos à primeira vista... - Scully tentou encontrar uma resposta, mas acabou desistindo e limitou-se a encolher os ombros.

- Já investiguei pelo país inteiro os mais estranhos relatos de muitas pessoas que viram juntas algum objeto voador não-identificado - disse Mulder. - Na baía de Chesapeake, nos lagos Okoboji, na Área 51, em Nevada. Mas você também sabe de tudo a respeito desses acontecimentos. Já teve oportunidade de estudar sobre todos eles nos Arquivos X.

- Eu li os relatórios - concordou Scully.

- Em nenhum deles foi possível colher tantas provas como aqui - explicou Mulder, aumentando o nível da voz. - Temos declarações de testemunhas oculares, resíduos de gases do escapamento de naves desconhecidas e níveis de radiação cinco vezes acima do normal.

- Nenhuma dessas provas é absolutamente conclusiva - declarou Scully, tentando manter a firmeza da voz.

Mulder limitou-se a suspirar, e cuidadosamente colocou o equipamento e as provas coletadas de volta em sua pasta.

Quando terminou, voltou com Scully para o carro.

- Para mim, a única dúvida é saber por que teria sido justamente este motorista de caminhão o escolhido para contato... ou para o ataque - insistiu ele. Scully colocou a chave na ignição. Antes de girar e dar a partida, ela disse:

- Mulder, vamos procurar agir com bom senso. Não acha mais provável que um motorista de caminhão morto de cansaço tivesse sido levado a pensar em tudo aquilo por causa da conversa que ouviu no seu radioamador? Especialmente considerando que estava tomando comprimidos para não dormir? Não poderia ter sido apenas um caso de alucinação?

Mulder nada respondeu. Com a mão ainda na chave de ignição, Scully insistiu em sua opinião:

- Afinal de contas, a pessoa que viaja à noite pelas estradas pode ser alvo de alucinações. Mulder nada respondeu. Em vez disso, enfiou a mão no bolso e tirou o cronômetro que havia guardado. Com a mão direita, apanhou o outro cronômetro, que estava sobre o assento do carro.

- Alucinações acontecem, é verdade - disse Mulder. - mas não deste jeito.

Scully virou-se para olhar para os dois cronômetros.

O que estava na mão esquerda de Mulder estava dois minutos adiantado em relação ao da direita.

Ela olhou pela janela, para a estrada vazia, tentando entender para onde tinham ido aqueles dois minutos.

Viu apenas os raios do sol e as sombras e só ouviu o barulho do vento, que estava ficando mais forte.

E sentiu um arrepio.

- Vamos falar com o motorista do caminhão - disse Mulder. - O tempo está passando depressa.

Capítulo 4

Capítulo 4

- Seu nome? - perguntou Mulder.

- Ranheim. Greg Ranheim - respondeu o motorista de caminhão. - Ouça, eu já contei tudo isso ao pessoal da polícia. Disse tudo a eles, conforme aconteceu. Vocês só precisam falar com eles...

Com Scully sentada atrás, Mulder havia se instalado em uma cadeira na frente de Ranheim, do outro lado de uma velha mesa de madeira, na sala de interrogatórios da delegacia de polícia local. Havia uma única lâmpada debaixo de um prato refletor, pendurada a um fio que vinha do teto, e estava acesa sobre a mesa, deixando o resto da sala às escuras. O tampo da mesa estava vazio, a não ser por uma jarra plástica alaranjada com água e dois copos de plástico alaranjado.

Scully fazia anotações em seu caderno de estenografia. Já havia escrito: O objeto de nosso interrogatório tem cerca de 35 anos, um metro e noventa de altura e corpo médio. Tem bigode malcuidado e barba por fazer a vários dias. Têm uma irritação na pele, de origem indeterminada, sobre a testa, na parte superior da face esquerda e na parte de trás de ambas as mãos. Mostra sintomas semelhantes aos da gripe, tossindo bastante e transpirando muito. Naquele momento, ela acrescentou: O sujeito vem mostrando claros sinais de hostilidade e recusa em cooperar.

- Não fazemos parte da força policial local - disse Mulder a Ranheim. - Somos investigadores federais e realizamos uma investigação independente. Queremos confirmar todos os detalhes.

Ranheim tossiu seco sobre a mão e esfregou o suor que lhe corria pela testa.

- Vocês não vão descobrir coisa alguma, porque não há nada para descobrir - disse ele. - O que deveriam fazer é dizer à polícia para me deixar ir embora. Eles não têm motivo algum para me prender aqui.

- A acusação oficial é de disparos com arma de fogo em estrada local - explicou Mulder.

- É, foi isso que me disseram - rosnou Ranheim. - Mas isso não passa de um monte de besteiras. Sou veterano do Exército. Eu sei como manejar uma arma.

A tosse atacou Ranheim novamente. Todo o seu corpo tremeu. Ele se agarrou à beira da mesa para poder se firmar.

Mulder colocou água em um copo e o empurrou na direção de Ranheim. O motorista levou a mão na direção do copo. Então, olhou desconfiado para o copo e o empurrou para longe, balançando a cabeça.

Scully escreveu: O objeto do interrogatório parece indevidamente apreensivo. Possibilidade de tendências paranóicas.

- Olhem, deixem-me sair daqui - implorou Ranheim. - Eu não fiz nada de errado. E tenho de fazer meu trabalho.

- Cada coisa no momento certo, senhor Ranheim - disse Mulder. - Eu agradeceria muito se nos ajudasse. Por favor, diga-me o que aconteceu naquela noite. Eu acho que o relatório policial é muito vago a respeito do seu... - Mulder fez uma pausa, e depois terminou: - ...do seu contato imediato.

Ranheim coçou a irritação de sua testa. E continuou coçando até a pele ficar vermelha, a ponto de sangrar.

- Já passei por tudo isso - queixou-se ele de novo.

- Mais uma vez, por favor - pediu Mulder.

- Vocês mandam a polícia me soltar?

- Por favor, responda as perguntas - repetiu Mulder.

Ranheim suspirou fundo e esfregou o pescoço, visivelmente irritado.

- O objeto... Qual era a aparência dele? - perguntou Mulder.

- Era redondo - disse finalmente Ranheim. - Alongado como um prato. E tinha luzes verdes e alaranjadas, que piscavam como em uma árvore de Natal.

Mulder olhou para o relatório da polícia, que estava sobre seus joelhos.

- Ontem à noite o senhor declarou que o objeto tinha a forma de um charuto e era negro - disse Mulder.

- Redondo, quadrado, com a forma de um charuto. Negro, vermelho e verde. Qual é a diferença? - rosnou Ranheim. - Olhe, eu não pedi para essas coisas acontecerem. Estava tratando da minha vida. E, por falar nisso, tenho uma carga de peças de veículos para entregar e, se não fizer isso, meu chefe vai...

Outro ataque de tosse o impediu de continuar falando. Scully esperou até que a tosse cedesse. Então, perguntou:

- Senhor Ranheim, perdoe-me por fazer esta pergunta, mas há quanto tempo está com essa tosse? Ranheim olhou para ela, com os olhos quase fechados.

- Por que está perguntando isso? - indagou ele.

- Só estou interessada - respondeu Scully. Então, acrescentou: - O senhor disse que é veterano do Exército...

- E o que isso tem a ver com o que aconteceu? - perguntou Ranheim.

- A tosse, os sinais de febre e a irritação na pele, tudo isso são sinais da

chamada síndrome da Guerra do Golfo - explicou Scully, que se formara em Medicina antes de ingressar no FBI. Ranheim ficou rígido.

- Nunca estive na Guerra do Golfo - respondeu ele com dureza na voz, quase mostrando estar com ódio.

Mulder inclinou-se para a frente, fixando o olhar em Ranheim.

- Então, diga-me: há quanto tempo sente que... está fora de si?

- Desde ontem à noite - explicou Ranheim, quase cuspidando as palavras. - Espere até ser mandado para a cadeia sem razão alguma, e então você vai ficar sabendo como me sinto.

Mulder decidiu pressionar um pouco mais. Estava a ponto de fazer a próxima pergunta quando entrou na sala um homem que vestia um terno cinza-escuro, camisa branca e uma gravata listrada. Seus sapatos pretos brilharam sob a luz da única lâmpada quando ele marchou na direção da mesa.

- Senhor Ranheim, sou o chefe de polícia Rivers - apresentou-se o homem, ignorando completamente a presença de Mulder e de Scully. - Por favor, desculpe-nos pelo mal-entendido. Na verdade, não há acusação alguma contra o senhor. Seu caminhão já foi devidamente liberado. O senhor pode ir.

- Já era hora - disse Ranheim, levantando-se rapidamente, enquanto Mulder e Scully observavam, boquiabertos.

Mulder foi o primeiro a se recuperar do susto.

- Eu gostaria de examinar o caminhão antes de ele partir - disse Mulder ao chefe de polícia.

- Isso não será necessário - informou o chefe Rivers.

- Mas este homem possivelmente tenha tido um contato imediato com um objeto voador não-identificado. - Mulder tentava manter sua voz calma. - O seu veículo pode conter importantes provas desse acontecimento, e eu queria simplesmente...

Ranheim apanhou sua blusa e partiu na direção da porta. Mulder tornou a falar com ele:

- Senhor, posso lhe fazer mais algumas...

Ranheim saiu. Mulder começou a andar em direção à porta, para ir atrás dele... mas Rivers colocou-se na sua frente. O chefe de polícia era um homem bastante grande, de corpo semelhante ao de um jogador da defesa no futebol americano.

- Aquele homem já não está mais detido e não deve ser molestado - disse Rivers, com a voz seca e firme como uma rocha.

- Mas...

O chefe de polícia interrompeu Mulder:

- Vocês já conseguiram tudo o que poderiam conseguir do meu departamento. Não pretendemos mais colaborar com sua investigação.

Mulder não quis se arriscar a dizer coisa alguma. O que pretendia dizer só serviria para provocar o mais completo rompimento entre ele e as autoridades locais.

Scully falou por ele:

- Chefe Rivers, eu só queria saber uma coisa: por quê?

Rivers recusou-se a olhar nos olhos dela.

Em vez disso, pigarreou, encolheu os ombros e resmungou:

- Só quero... que vocês vão embora.
Então ele saiu, deixando Mulder e Scully sozinhos com suas perguntas.
Scully disse:
- O que está acontecendo aqui? O que você acha que poderia estar por trás... Ela não completou a sentença.
Mulder colocou o dedo sobre os lábios. Deixava bem claro o que queria dizer.
Scully olhou ao redor, pela sala vazia.
O aposento era apenas uma sala de interrogatório, em uma típica delegacia de polícia de cidade pequena. Por certo existiriam milhares de salas como aquela em todo o país. Era uma sala de interrogatório tipicamente norte-americana.
Por acaso Mulder achava mesmo que aquela sala estava grampeada?
Era uma idéia maluca, mas...
Mas Scully tinha de admitir que, às vezes, Mulder tinha razão.

Capítulo 5

Duas horas depois, Scully e Mulder estavam esperando no balcão da locadora de carros, no aeroporto de Memphis. Estavam devolvendo o carro que haviam alugado, antes de embarcar no voo de volta a Washington.

Mulder continuava a reclamar pelo fato de ter sido obrigado a deixar Ranheim ir embora:

- Eu deveria ter sido mais ligeiro e feito algo para impedi-lo de ir embora. Eu devia ter percebido que alguém havia conversado com Rivers. Tenho tanta certeza disso como estou certo de que Ranheim estava escondendo alguma coisa. Você viu como ele transpirava? Scully tentou acalmá-lo:

- Concordo que Ranheim estava agindo de um modo estranho. Mas ele estava doente.

- Ele disse que havia ficado doente ontem à noite - disse Mulder, enquanto Scully verificava a fatura da locadora de carros.

- Duvido que os sintomas dele pudessem ter aparecido tão derrepente - disse ela tirando a caneta da bolsa para assinar a fatura.

- Você ainda acha que ele estava sofrendo da síndrome da guerra do Golfo? - perguntou Mulder.

- Não tenho certeza disso, mas os sintomas dele eram muito semelhantes aos da síndrome.

- Espero que você entenda, Scully, que nosso governo afirma taxativamente que não existe a tal síndrome da Guerra do Golfo - disse Mulder, em tom sarcástico.

- Por acaso você está pondo em dúvida o que dizem os seus próprios líderes?

Scully estava a ponto de responder, quando alguém tocou em seu ombro.

Ela se voltou e viu uma mulher de aparência assustada, com duas crianças

pequenas.

- Desculpe-me, moça - disse a mulher. - Pode me emprestar sua caneta por um instante? Não consigo encontrar a minha e aquela que está sobre o balcão não escreve.

- Claro, fique à vontade - disse Scully, estendendo a mão com a caneta. A mulher deu um sorriso bastante agradecido, antes de tentar preencher o formulário para aluguel de carro, ao mesmo tempo que segurava firmemente as crianças para que não saíssem correndo.

No fundo, Scully agradeceu por aquela interrupção. A direção para onde Mulder estava levando a conversa a deixava muito insegura.

- Obrigada - disse a mulher, devolvendo a caneta.

- Por nada - respondeu Scully.

- Apenas para continuar a discussão, digamos que ele tenha ficado doente ontem à noite - disse Mulder, recusando-se a abandonar o assunto. Quando Mulder se apegava a uma idéia, era igual a um cachorro quando encontra um bom osso.

- O que está pretendendo sugerir? - perguntou Scully, enquanto os dois apanhavam as malas e se dirigiam ao portão de embarque. - Que a síndrome da Guerra do Golfo seria causada por óvnis?

- Muitas vezes os soldados dizem avistar óvnis durante a guerra - disse Mulder.

Scully balançou a cabeça.

- Na verdade, os únicos óvnis que os soldados podem ver em uma guerra são aeronaves de combate secretas.

Eles entregaram as passagens à recepcionista da companhia aérea e caminharam apressadamente para bordo do avião.

A essa altura, Mulder havia desenvolvido uma nova teoria.

- E não poderia ter sido isso que teria feito com que os soldados ficassem doentes no Iraque? Os gases do escapamento ou o combustível de algum avião de combate secreto, ou mesmo as armas desse tipo de avião?

Scully pensou um pouco a respeito.

- Existe uma base da Força Aérea de segurança máxima perto de Little Rock - disse ela. - E acho que existe a possibilidade de que estivessem testando alguma aeronave experimental, altamente secreta, voando sobre o Tennessee ontem à noite.

- Eles negariam isso, claro - disse Mulder, enquanto seguia Scully pelo estreito corredor do avião, em direção a suas poltronas. Depois de colocarem os cintos de segurança, ele continuou: - Mas isso certamente explicaria como Ranheim desenvolveu aqueles sintomas.

- É possível - concordou Scully com relutância. - Seja como for, é uma idéia que vale a pena ser investigada. Pelo menos é uma teoria mais plausível do que essa história de óvnis.

- Certo - disse Mulder. - Eu sei que você gosta de explicações cientificamente comprovadas, agente Scully. - Então ele sorriu. - Em Washington, sei de algumas pessoas com quem poderemos conversar a respeito disso.

- Os militares não falam a respeito de aeronaves secretas - disse Scully. - E tampouco qualquer outra pessoa ligada ao governo.

- As pessoas de quem falo não são do governo - disse Mulder. - Estão fora. - Ele riu e arrematou: - Completamente de fora.

No aeroporto de Washington eles tomaram um táxi. Mulder deu ao motorista um endereço que ficava no centro da cidade.

A rua para a qual o táxi os levou ficava a alguns quarteirões da Casa Branca, mas também poderia estar do outro lado do mundo. Havia homens desocupados em ambas as calçadas. As fachadas das lojas estavam fechadas com tábuas pregadas. A maior parte das luzes dos postes estava quebrada, mas o luminoso vermelho e azul de néon de um bar barulhento piscava sem parar. Uma atmosfera ameaçadora parecia estar pendurada como neblina no ar da noite.

Mulder levou Scully para um velho prédio de escritórios que tinha na frente uma enorme porta de aço. Ele apertou o botão da campainha várias vezes, em toques longos e curtos, como se estivesse transmitindo uma espécie de código. Depois de alguns instantes, ouviu-se um barulho magnético que abriu a porta e lhes deu passagem.

- Seus amigos parecem dar muita importância à segurança - disse Scully.

- Eles têm uma natureza bastante suspeita - respondeu Mulder.

- Mas, diga-me: quem são eles? - perguntou Scully, enquanto o velho elevador subia lentamente.

- Eles se consideram protetores do povo contra os erros e enganos do governo - disse Mulder. - Publicam uma revista chamada Os Pistoleiros Solitários. Pelo menos algumas das informações que publicam são de primeiríssima linha. Falam de ações secretas e de armamentos desconhecidos do grande público. Mas, infelizmente, algumas das idéias que defendem também podem ser chamadas de malucas.

O elevador finalmente parou e a porta abriu para um dos lados. Mulder e Scully caminharam por um corredor escuro e sujo até outra porta de aço. Colado à porta havia um pôster dos tempos da Segunda Guerra Mundial que dizia: Em boca fechada não entra mosca. As paredes têm ouvidos.

- Não precisamos bater - disse Mulder.

Scully acompanhou o olhar dele para cima. Sobre a porta, a lente de uma câmera de vídeo os observava.

A porta abriu de uma vez. Do outro lado apareceu um homem de estatura média, com pouco mais de 30 anos, usando uma camiseta de malha, um velho par de calças jeans e um par de tênis bastante surrado. Seus olhos brilharam de modo intenso por trás dos óculos de moldura preta.

- Oi, Langly - cumprimentou Mulder. Langly não perdeu tempo em responder.

- Adivinha com quem eu tomei o café da manhã outro dia? - perguntou ele. - Com o cara que atirou em John F. Kennedy.

Capítulo 6

- Verdade mesmo? - Mulder nem piscou os olhos, enquanto Langly os deixava entrar.

- É um cara bem velhinho agora - disse Langly. - Mas é verdade, ele estava usando uma farda de policial na colina gramada. Não há dúvida alguma a respeito. Gravei suas declarações em videocassete. Uma notícia sensacional.

- É uma pena que Oliver Stone não tenha falado com você quando ele fez aquele filme - disse Mulder.

- E quem disse que não falou? - perguntou ironicamente Langly.

Scully olhou ao redor. O que se via no escritório dos Pistoleiros Solitários era uma mistura de equipamento da mais alta tecnologia com restos de liquidação de loja de bairro. Computadores, máquinas de fax, copiadoras e vários outros tipos de aparelhos colocados sobre mesas de madeira manchadas por restos de café e riscos deixados nos tempos do lápis e da caneta. Os outros dois Pistoleiros Solitários estavam sentados em suas barulhentas cadeiras giratórias, olhando silenciosamente para os visitantes.

- Senhores, permitam-me apresentar minha parceira, a agente especial Dana Scully - disse Mulder. - Scully, estes cavalheiros são...

Um deles, que usava um terno escuro, camisa branca e gravata listrada, o interrompeu:

- Mulder, ouça o que vou dizer. Você conhece Vladimír Zhirinuvsky, o líder nacionalista dos social-democratas russos? Aquele maluco que pretende recomendar a Guerra Fria?

- O nome não me é estranho - respondeu Mulder.

- Ele está sendo levado ao poder pela mais maldosa de todas as forças do século 20 - declarou o homem.

- Quem? O dinossauro Barney? - perguntou Mulder.

- A CIA - respondeu ele.

Agora Scully fazia força para não sorrir. O homem voltou-se para ela.

- E você não acredita? - perguntou ele. - Muito bem. Isso era de esperar, considerando que vem de alguém como você, que trabalha bem dentro da barriga do monstro.

Mulder interrompeu com delicadeza:

- Scully, este é Byers.

- Prazer em conhecê-lo - disse Scully, estendendo a mão.

Byers ignorou o gesto dela.

- Então, esta é sua parceira - disse ele a Mulder. - Dá para entender por que você nos disse que ela era uma pessoa cética.

Scully arregalou um olhar de acusação contra Mulder.

Mulder pigarreou e disse:

- Eu disse apenas que ela ainda era inexperiente em determinadas áreas.

- Muito obrigada, parceiro - agradeceu Scully.

- Já está na hora de você receber educação - disse-lhe Byers. - Você não acredita que a CIA esteja perdendo o poder e a maior parte de suas verbas por causa do fim da Guerra Fria? Não acha que eles adorariam ter seu velho inimigo de volta?

- Acho que está dando crédito demais ao governo - respondeu Scully.

O telefone tocou.

Byers acionou um gravador ligado ao aparelho telefônico. E colocou no bocal do fone um pequeno instrumento para disfarçar a voz.

- Pistoleiros Solitários - disse ele, apanhando o fone.
Ficou ouvindo durante um momento e depois colocou o fone no gancho.

- Desligaram - disse ele. E não parecia estar surpreso. Então, voltou-se de novo para Scully. - O que você estava dizendo?

- O governo não consegue acabar com o déficit do orçamento nem controlar os criminosos - disse Scully. - O que o faz pensar que eles poderiam planejar e executar uma conspiração tão complicada?

- Ei, ela é quente! - disse apaixonadamente o terceiro membro da equipe. - Afiada e doce... do jeitinho que eu gosto.

Scully arregalou os olhos para o sujeito. Ele usava uma velha e desbotada farda militar, com todas as insígnias arrancadas, e um velho relógio de pulso privativo dos membros do Corpo de Fuzileiros Navais. Ele encostou o corpo para trás em sua poltrona giratória, com os coturnos apoiados sobre a mesa, devolvendo o olhar arregalado para Scully.

- Este é Frohike - apresentou Mulder.

- Prazer em conhecê-la - disse Frohike. Seu olhar fez muito mais do que examinar Scully de alto a baixo. Ele praticamente a engoliu com os olhos.

Scully só podia sentir-se contente em olhar de volta para Byers, que continuou dizendo:

- Não estamos falando daqueles palhaços que gostam de aparecer na imprensa, que atuam na colina do Capitólio. Estamos falando a respeito de uma rede bastante obscura. Um governo dentro do governo. Uma força que jamais vemos, mas que controla todos os nossos movimentos.

- E como poderiam fazer isso? - perguntou Scully.

- Como? - disse Byers, sorrindo. - Vou lhe mostrar um dos modos como fazem isso. Tem uma nota de 20?

Scully tirou uma cédula de 20 dólares da carteira. Byers a tirou da mão dela. Antes que ela pudesse impedir, ele rasgou um pedaço do lado esquerdo da cédula.

- Ei! - gritou Scully.

Byers não lhe deu atenção. Concentrou-se em remover uma fina tira de plástico de dentro da cédula.

- Olhe bem para isto - disse ele, triunfante. - Esta pequena tira magnética permite que eles acompanhem todos os seus movimentos. Quando você passa por um detector de metal, no aeroporto, eles sabem exatamente quanto dinheiro está levando e para onde o está levando. Ele entregou os dois pedaços da cédula de volta para Scully.

- Byers, você me surpreende - disse Mulder, mantendo uma expressão séria.

- Sabe muito bem que é um crime federal estragar dinheiro.

- Essa tira de plástico foi inventada para impedir as falsificações - acrescentou Scully.

- Então, por que está do lado de dentro da cédula? - perguntou Langly. - Outros países também utilizam essa tira, mas do lado de fora da cédula. O que estariam querendo esconder?

- Olhe, eu não quero interromper sua linha de raciocínio - disse Mulder. - Mas está nos desviando do caminho. Não foi para isso que viemos até aqui.

- E para o que foi? - perguntou Byers.

- Procurar informações - respondeu Mulder.

- Claro - disse Langly. - Este é o único lugar onde se pode obter informação pura e verdadeira.

- Temos qualquer coisa que você e sua adorável parceira estejam procurando? - disse Frohike.

- O que vocês sabem a respeito da síndrome da Guerra do Golfo? - perguntou Mulder.

- É o Agente Laranja da década de 90 - respondeu Langly sem pestanejar.

- Tem origem no uso de balas de canhão revestidas de urânio descartado - acrescentou Byers.

- Por acaso sabem de algum tipo de avião secreto que teria sido lançado na Guerra do Golfo? - perguntou Mulder.

- Por que eles correriam o risco de expor um avião secreto à Força Aérea do Iraque? Aqueles caras corriam em busca de abrigo toda vez que alguma coisa chegava perto deles - disse Byers. - A resposta é negativa.

Mulder continuou falando:

- Por acaso há algum relato de atividade ufológica durante aquele período?

Os três homens irromperam na gargalhada.

- Foram os óvnis que causaram a síndrome da Guerra do Golfo - disse Langly, ainda rindo.

- Essa é boa!

Byers bateu de leve no ombro de Mulder e disse:

- É por isso que gostamos tanto de você, Mulder. Suas idéias são ainda mais malucas do que as nossas.

- É bom saber que nossa segurança nacional está em suas mãos - concordou Langly

- E nas de sua adorável parceira - emendou Frohike.

Ele se levantou de sua poltrona e dirigiu-se a Scully:

- Vamos discutir as ameaças contra o nosso país tomando um café em algum lugar. Quando quiser.

- Desculpe, mas minha agenda está meio cheia - respondeu ela, afastando-se na direção da porta.

Traga-a aqui de novo - disse Frohike a Mulder.

- Trago sim - respondeu Mulder. - Tenho certeza de que não conseguiria evitar que ela voltasse, mesmo que eu quisesse.

E voltou-se para ouvir o que Scully tinha a dizer. Mas ela já havia saído pela porta.

Scully permaneceu de boca fechada na viagem de táxi de volta para a sede do FBI. Mulder teve de esperar que chegassem a sua sala para que ela lhe desse sua opinião a respeito dos seus amigos.

- Aquelas foram as pessoas mais paranóicas que eu já tive o prazer de conhecer - disse ela, balançando a cabeça. - Não entendo como você poderia acreditar em uma só palavra do que eles dizem - acrescentou ela, ao mesmo tempo que começava a escrever seu relatório. Mulder levantou os olhos das fotos do local do acidente do caminhão e disse:

- Não entendo como você pode criticá-los desse jeito... quando eles a admiram tanto.

- Obrigada, mas não preciso disso - disse Scully E reclamou: - Puxa! Esta caneta já não tem mais tinta - Desparafusando a caneta para colocar um novo cartucho de tinta, ela continuou: - Mulder, você não viu o modo como eles atendem o telefone? Eles acham que todo chamado que recebem está grampeado. Têm certeza de que são seguidos o tempo todo. São malucos. Acho que até acreditam que o trabalho que fazem tem importância suficiente para que alguém...

Scully parou e ficou como uma estátua.

- O que aconteceu? - perguntou Mulder.

Scully colocou o dedo sobre os lábios. Então fez um sinal para que Mulder se aproximasse da mesa dela. E apontou para a caneta. Havia um minúsculo chip incrustado na caneta.

Não foi preciso que Scully dissesse a Mulder do que se tratava. Ele já havia visto aqueles minúsculos grampos antes. Lembrou-se da mulher que havia pedido a caneta de Scully emprestada, no aeroporto.

Ela tinha parecido ser uma pessoa comum demais para ser uma agente secreta.

Mulder sabia o que os Pistoleiros Solitários diriam.

Aquela era uma mulher normal demais. Tão normal como qualquer mãe, e como torta de maçã.

Capítulo 7

Mulder havia ficado deitado durante várias horas. Então tinha se levantado e caminhado de um lado para o outro em seu apartamento às escuras. Mentalmente ele examinou detalhe do acontecimento do Tennessee e do que havia ocorrido depois disso. Pensou muito naquele motorista de caminhão e na história do contato, que era ligeiramente mudada a cada vez que era contada. E no chefe de polícia que não parecia pretender agir como chefe, mas como garoto de recados de alguém mais alto do que ele. E no minúsculo grampo eletrônico encontrado na caneta de Scully.

Como poderiam ser combinadas todas aquelas peças do quebra-cabeça? Qual a peça que estaria faltando?

Mulder só podia pensar em um modo de encontrá-la.

Só existia uma pessoa que Mulder sabia que poderia ter essa peça.

Ele não sabia seu nome. Tudo o que tinha era um codinome: Garganta Profunda.

Quem era Garganta Profunda? Que espécie de jogo estaria ele jogando com Mulder? Esse era outro quebra-cabeça que Mulder não conseguia resolver. Na verdade, a mera tentativa de solucionar esse mistério violaria uma das mais importantes regras do jogo de Garganta Profunda. Mulder tinha de obedecer a todos os regulamentos, pois podia ficar certo de que aquele homem, que sabia de tudo, saberia se Mulder o estivesse enganando.

Obedecendo às regras, Mulder foi até o pequeno abajur ao lado da janela. Tirou a lâmpada transparente e colocou em seu lugar uma luz negra. Levantou as persianas da janela, acendeu o abajur e virou para o lado de fora, de maneira que

a luz roxa brilhasse dentro da noite, como um farol de pedido de socorro.

Era para que Garganta Profunda visse a luz e decidisse se queria ou não vir em seu socorro. Mulder deitou-se no sofá para tirar um cochilo, enquanto Garganta Profunda pensava a respeito.

Parecia que havia acabado de fechar os olhos quando o telefone tocou.

Despertando de um salto, com os nervos tensos, Mulder apanhou o telefone para atender antes que tocasse de novo.

Ele ouviu uma série de barulhos metálicos. Contou todos eles em silêncio, anotando uma série de números em um caderninho. Depois do último som, Mulder ouviu o telefone sendo desligado.

Olhou para os números que havia acabado de anotar. Eles lhe diziam onde e quando Garganta Profunda poderia ser encontrado. Então foi para o picador de papel e enfiou dentro as anotações que fizera e a folha do caderno que estava por baixo. Esta era outra das regras de Garganta Profunda. Em se tratando de segurança, Garganta Profunda fazia os Pistoleiros Solitários parecerem tão confiantes como Branca de Neve.

Uma hora mais tarde, na imensa escuridão que antecedia o amanhecer, quando as estrelas e a lua já haviam desaparecido, Mulder estava parado junto ao rio Potomac, pouco abaixo do Memorial a Jefferson.

Olhou para cima, para a fantasmagórica cúpula branca. Em sua mente, recitou as palavras gravadas na rocha. Elas vinham da Declaração de Independência dos Estados Unidos, que Thomas Jefferson havia escrito pouco mais de duzentos anos antes. As palavras diziam que todos os homens haviam nascido com direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade. E que os governos recebiam seu poder com o consentimento dos governados.

Mulder olhou para o rio, cujas pequenas ondas refletiam o brilho das luzes ainda acesas. Sua boca formou um leve sorriso. "Muita água havia descido pelo leito daquele rio desde que aquelas palavras haviam sido escritas", pensou.

Então ele viu o reflexo. Um homem estava parado junto à margem do rio, a menos de dois metros de distância.

O homem tinha o colarinho da capa de chuva virado para cima, ao redor de um cachecol que escondia metade do seu rosto. A aba do chapéu cobria seus olhos. Quando Mulder se virou, o homem se afastou um pouco, para esconder-se nas sombras.

- Está frio aqui fora - disse Garganta Profunda, cuja voz, embora grave, atravessava o ar como uma flecha no espaço que o separava de Mulder.

- Ainda estamos no inverno - disse Mulder.

- Os jogadores dos clubes de beisebol vão começar seu treinamento de primavera na semana que vem.

- É verdade - disse Mulder. E sua voz ficou mais firme quando perguntou: - O que estamos fazendo aqui?

- Sempre com pressa, não, Mulder? - disse com segurança na voz. - Tem de aprender a ter paciência para poder vencer na sua profissão. Muito bem, onde estávamos mesmo?

- No jogo de beisebol.

- Ah, sim - lembrou-se Garganta Profunda. - Talvez este ano consigamos ir ao estádio assistir a um jogo. Claro que não poderemos sentar juntos.

- Que pena - disse Mulder. - Algo me diz que você conhece as pessoas que poderiam arrumar os melhores lugares no estádio.

- Em qualquer estádio do país - garantiu Garganta Profunda.

Então, congelou como uma estátua.

Na margem do rio, pouco abaixo de onde estavam, um homem tirava fotos dos pontos turísticos.

Mulder olhou para Garganta Profunda.

Ele permanecia parado como um antílope congelado em uma posição por causa de um galho quebrado ou de um cheiro estranho.

- É apenas um turista - disse Mulder.

Garganta Profunda não respondeu até que o homem abaixasse sua câmera e se afastasse. Então, ele disse:

- Na minha linha de atuação, tudo geralmente parece ser "nada".

Mulder já não podia mais esperar, então sussurrou apressado:

- Ouça, eu preciso saber: o que estou a ponto de descobrir?

Garganta Profunda nada disse.

- Estamos investigando um motorista de caminhão que talvez tenha tido um contato imediato com um óvni - contou Mulder. - Ele foi colocado em liberdade antes que pudéssemos interrogá-lo. E, quando menos esperávamos, descobrimos que alguém plantou um sofisticado aparelho de grampo eletrônico em nós. Quem está ouvindo nossas conversas? E por quê?

Garganta Profunda tornou a responder com o silêncio.

- Por que não quer me contar? – exigiu Mulder.

Sem dizer uma palavra, Garganta Profunda enfiou a mão no bolso da capa de chuva. Tirou de dentro um envelope amarelo dobrado e o entregou ao agente.

Quando Mulder olhou, viu que Garganta Profunda erguera o queixo, como se estivesse a ponto de dizer alguma coisa.

Mas nada disse. Em vez disso, virou-se e começou a ir embora.

- O que estou para descobrir? - perguntou Mulder outra vez, antes que Garganta Profunda se afastasse demais.

Garganta Profunda fez uma longa pausa só para depois atirar mais uma migalha de informação sobre os ombros.

- É um caminho perigoso - disse ele a Mulder, com uma voz tão assustadora como o pio da coruja no meio da escuridão.

Capítulo 8

Mulder estava na sua sala, na sede do FBI. Era de manhã e ele ainda não havia conseguido dormir. Esfregou os olhos vermelhos. Então, mergulhou de novo no relatório que estava sobre sua mesa. O relatório havia saído do envelope que Garganta Profunda lhe dera. Mulder havia procurado ler tudo, tentando assimilar todos os significados que aquelas palavras pudessem ter. Ele estava lendo de novo o título "Mensagem iraquiana interceptada" quando Scully entrou na sala.

Mulder não se preocupou em levantar os olhos... até que Scully atirou sobre a mesa o relatório que havia preparado.

Mas poupou-o do trabalho de ter de lê-lo.

- O caminhão era falso - disse ela com a voz estalando como um chicote. - E também era falso o motorista, Ranheim.

- E as provas? - perguntou Mulder.

- Primeiro verifiquei os papéis onde estava relacionada a carga do caminhão - disse Scully. - Os documentos diziam que a carreta estava transportando 108 caixas de papelão com peças de automóvel, o que representaria um peso total de menos de 1.500 quilos. Então verifiquei os registros de três estações de pesagem ao longo da rodovia por onde ele viajava. Todos esses registros informavam que a carreta pesava mais de 2.200 quilos. Há alguma coisa naquele caminhão, e estou certa de que não são peças de automóvel.

- As estações de pesagem não informaram sobre essa discrepância, conforme é exigido pela lei? - perguntou Mulder.

- O que você acha? - perguntou Scully com um sorriso maldoso.

- Considerando tudo o que já sabemos a respeito deste caso, acho que você teve de arrancar deles essa informação - disse Mulder.

- E você raciocinou certo - respondeu Scully.

- As peças estão começando a se encaixar - disse Mulder.

Em um tom sombrio, Scully continuou:

- E ainda não terminei. Ranheim mentiu quando disse não ter estado na Guerra do Golfo, embora nesse caso eu tenha tido de forçar bastante a barra para poder descobrir a verdade. Seu verdadeiro nome é Frank Druce e ele esteve na Divisão de Operações Especiais, na qualidade de Boina Negra, em Mosul, no norte do Iraque.

Os olhos de Mulder baixaram rapidamente para o título do relatório de Garganta Profunda.

Uma palavra saltou diante dele. Iraquiana.

- Continue - disse ele a Scully.

- Além disso, o contato daquela noite não foi o que deixou Frank Druce doente - informou ela. - Ele já esteve internado no Hospital Militar para tratamento nada menos do que três vezes este ano. E a razão desse internamento é mantida em segredo... já que a síndrome da Guerra do Golfo não existe oficialmente.

Mulder já ouvira o bastante. Com raiva ele bateu a mão sobre o relatório de seu informante.

- Tínhamos conseguido - disse ele, com um tom de dor na voz. - Tínhamos conseguido e deixamos escapar.

- Conseguido o quê? - perguntou Scully. - Para onde deixamos escapar?

- Quatro dias atrás, o piloto de um jato de combate da Força Aérea do Iraque derrubou um objeto voador não-identificado - explicou Mulder. - Os destroços, e talvez os tripulantes, foram recuperados por soldados do Exército dos Estados Unidos estacionados perto da fronteira do norte do Iraque. Ranheim, ou seja, Druce, seria a pessoa perfeita para ir até lá e transportar o que quer ou quem quer que tenha sido encontrado no meio dos destroços para um laboratório nos Estados Unidos.

- Isso explicaria por que a carreta pesava mais do que os registros mostram - disse Scully. - Mesmo assim, é muito difícil imaginar que o Exército seria capaz de...

- No passado, os militares já transportaram muitos materiais perigosos e armamentos em caminhões sem marca alguma, pelo país inteiro - interrompeu Mulder.

Ele viu que Scully olhava para ele com as sobrancelhas levantadas. Então sorriu para ela e disse:

- Parece que estou começando a falar como os Pistoleiros Solitários.

- Essa idéia me passou pela mente - disse Scully.

Então, ela apanhou da mesa o relatório de Garganta Profunda. Dominando a técnica de leitura dinâmica, ela virou página por página até o final e arregalou os olhos para Mulder, perguntando:

- Onde foi que você conseguiu isto?

Mulder não olhou diretamente para ela.

- Digamos que foi por meio de uma fonte... uma fonte com uma experiência bastante profunda - respondeu ele.

- Quero saber tudo a respeito dela - disse Scully.

- Eu também gostaria disso - completou Mulder. - Mas a única coisa que sei é que, em várias oportunidades, ele permitiu que nos livrássemos do perigo, apontando-nos na direção correta. Ele é nosso amigo.

- Não pode ter certeza disso - insistiu Scully. - Trabalhamos para o FBI e plantaram um grampo em nós. O que acha que isso significa?

Mulder percebeu uma mistura de medo e ódio na voz dela. Lembrou-se de Scully quando ela havia se aproximado dele pela primeira vez para tornar-se sua parceira. Ela acreditava em tudo que lhe haviam ensinado na Academia do FBI. Realmente achava que existia uma linha muito clara separando os mocinhos dos bandidos. E imaginava que seria fácil identificar os dois tipos de pessoas.

- Talvez signifique que nem tudo é exatamente o que parece ser - disse ele.

- Exatamente - emendou Scully. - Pelo que sabemos, esse homem que tem uma experiência bastante "profunda" poderia estar plantando grampos em nós. Você mesmo disse que não sabe quase nada a respeito dele.

Ela tirou a caneta do bolso e a deixou cair sobre a mesa, como se fosse um rato morto.

- O que sei é que ele nunca mentiu para mim até agora - disse Mulder.

- O mais importante aqui é a expressão até agora - disse Scully.

- Não vou trair a confiança dele. Eu confio nele.

- Mulder - exclamou Scully -, você é a única pessoa em quem eu confio.

- Então vai ter de confiar no meu julgamento a respeito dele - disse Mulder.

Ela lhe deu um sorriso amarelo.

- E por acaso tenho alternativa? - perguntou ela. - Muito bem, vamos em frente. Que rumo tomamos agora?

- Você saberia dizer onde o caminhão se encontra agora? perguntou Mulder.

Scully fez que não com a cabeça e respondeu:

- Tenho uma vaga idéia. Está viajando no rumo oeste, a caminho do Colorado. Provavelmente na direção de uma base militar de operações altamente secretas que existe naquele Estado.

- Temos de interceptá-lo - disse Mulder. - Temos de descobrir o que a carreta está levando a bordo. Considerando a velocidade com que está viajando,

devemos preparar as coisas aqui no escritório, apanhar a bagagem em casa e partir antes da meia-noite.

- Espero que você saiba o que está fazendo... confiando desse modo no seu informante – disse Scully.

- Também espero que sim - respondeu Mulder. - Mas só existe um modo de descobrir com certeza.

Capítulo 9

Naquela noite, quando Mulder abriu a fechadura da porta de seu apartamento, percebeu que havia algo de errado. E estava certo. Quando fechou a porta e ligou o interruptor das luzes, confirmou sua suspeita.

O aposento permaneceu às escuras. A única luz que havia vinha de um poste que ficava ao lado da janela.

Uma voz veio de uma poltrona que havia na sala de visitas de Mulder.

- Desliguei os disjuntores principais - disse Garganta Profunda.

Mulder conseguia ver o perfil irregular do homem sentado na poltrona, com a gola da capa virada para cima e o chapéu ainda sobre a cabeça.

- Está se arriscando muito vindo aqui - alertou Mulder. Meu apartamento pode estar sendo observado.

- Não estou ignorando essa possibilidade - disse Garganta Profunda com uma voz seca. – Mas tomei determinadas precauções. Devo dizer que tenho uma certa experiência no domínio da segurança.

- Acredito que sim - disse Mulder. - Mas o risco existe assim mesmo.

- Tenho de correr riscos - disse Garganta Profunda. - A informação que tenho para lhe dar é importante demais.

Ele jogou um envelope sobre a mesinha de centro.

- A foto que está aí dentro foi tirada por um oficial em Fort Benning, na Geórgia - disse Garganta Profunda. - Recentemente, naquela área, foram registrados nada menos do que dezessete óvnis dentro do prazo de uma hora.

- É lá que estão guardando os destroços encontrados no Iraque? - perguntou Mulder. – Estariam os óvnis acompanhando os destroços?

Garganta Profunda levantou-se.

- Tem um belo apartamento - comentou ele, enquanto caminhava na direção da porta. .

- Espere - disse Mulder.

Garganta Profunda fez uma pausa, com a mão já na maçaneta.

- Eu... - começou Mulder. Mas parou, apesar de todas as perguntas que lhe passavam pela mente.

- Sim? - perguntou Garganta Profunda.

Mulder suspirou fundo. Ele conhecia todas as regras. Garganta Profunda havia dito tudo o que pretendia dizer.

- Eu... nunca tive oportunidade de lhe agradecer - disse Mulder. - Você tem me ajudado bastante em meu trabalho... sem jamais pedir coisa alguma em troca.

Garganta Profunda virou-lhe as costas, como se não quisesse que Mulder visse os seus olhos.

- Não pense que conhece os meus propósitos - disse ele.

- Tem razão - confirmou Mulder. - Não sei coisa alguma a respeito de quem você é, de onde vem, nem o que deseja. Mas eu sei que tem corrido grandes riscos para poder me ajudar. E por isso sou agradecido.

O homem olhou para Mulder. Então, sem dar um sorriso nem esboçar qualquer outro tipo de reconhecimento, saiu porta afora, deixando Mulder sozinho com o envelope.

Meia hora depois Mulder estava em companhia de Scully. Lado a lado eles ficaram olhando atentamente para a fotografia depositada sobre a mesa da cozinha do apartamento dela.

- A foto foi tirada em Fort Benning, Geórgia - explicou Mulder.

- Incrível - exclamou Scully - Naturalmente as fotos podem ser trabalhadas. Elas também podem mentir.

- Acho que devemos continuar as investigações supondo que esta não foi manipulada – disse Mulder, sem conseguir tirar os olhos da imagem que havia diante deles.

A fotografia, tirada ao cair da noite, era em cores. No céu que estava escurecendo pairavam duas naves de formato circular. Cada uma tinha uma pequena rotunda acima da fuselagem principal, com três luzes vermelhas muito fortes formando um triângulo na parte debaixo. No chão, dois soldados estavam parados ao lado de um veículo utilitário militar. Um deles estava apontando para as duas naves. Perto dos pés deles havia uma poça d'água, evidentemente deixada por uma forte chuva recente.

- Registrou-se uma forte tempestade com raios na noite do contato imediato do caminhão - observou Scully.

Mulder mal ouvia o que ela dizia.

- É a melhor prova fotográfica que eu já tive oportunidade de ver - disse Mulder, falando mais consigo mesmo do que com a parceira. E começou a andar de um lado para o outro na cozinha. - Quando vi as fotos tiradas de um óvni em Gulf Breeze, logo percebi que se tratava de uma fraude. Mas esta... Esta é um perfeito exemplo do tipo de provas positivas que o governo tem conseguido acumular há várias décadas e mantido no mais completo segredo.

Enquanto Mulder caminhava e falava consigo mesmo, Scully dirigiu-se a uma gaveta e tirou uma lupa de dentro. Com a lupa, curvou-se sobre a foto.

- Toda aquela história da carreta foi apenas para despistar disse Mulder. - Foi uma operação planejada para fazer com que fosse afastada de Fort Benning qualquer pessoa que porventura estivesse seguindo os restos do óvni. Certamente nos enganou direitinho. Fizeram aquilo para nos afastar do rumo oeste.

Scully nada disse. Estava ocupada demais examinando a foto com a lente de aumento.

- Temos de partir imediatamente rumo à Geórgia – disse Mulder. - Nós temos de...

Levantando o corpo, Scully o interrompeu:

- Esta foto também é uma fraude - disse ela.

Mulder congelou como uma estátua.

Scully estendeu a mão para ele com a lente de aumento. Mulder a apanhou.

Examinou a foto, enquanto Scully apontava para um dos detalhes.

- A sombra do soldado é mostrada como se fosse causada pela luz emitida pelo óvni. No entanto, a sombra cai na direção errada.

- Talvez houvesse uma fonte de luz fora do alcance da câmera dando origem a essa sombra - disse Mulder.

- Olhe bem para a cor da luz que reflete sobre o pára-brisa do veículo militar - ordenou Scully.

Mulder fez o que ela mandava. E ela explicou:

- Esse reflexo vem das luzes vermelhas do óvni. Mas a cor não combina com aquelas luzes.

- Ora, vamos, Scully - disse Mulder, ainda curvado sobre a foto, virando a cabeça para olhar para a parceira. - Talvez o pára-brisa do veículo seja verde. Ou a diferença nas cores poderia ter sido causada pelas condições atmosféricas, pelos gases do escapamento do carro, por poluição provocada por avião a jato ou por milhares de outras coisas. Quem sabe?

- Acho que deveríamos mandar fazer uma análise da foto em laboratório - disse Scully.

- Por que não diz logo o que está pensando, Scully? - retrucou Mulder. - Você está determinada a não acreditar nele.

- Talvez você esteja determinado demais a acreditar nesse homem - respondeu Scully.

- Eu quero seguir uma pista que poderia resultar em provas reais da presença de EBEs, entidades biológicas extraterrestres.

Mulder apanhou a foto da mesa e a colocou no bolso de dentro do paletó.

- EBEs - repetiu ele baixinho. - Eu preciso ir a Fort Benning.

Ele começou a caminhar na direção da porta da cozinha, mas Scully o agarrou pela manga do casaco.

- Ouça, Mulder, só por um instante, por favor.

- Muito bem. Estou ouvindo - disse ele.

- Jamais conheci uma pessoa tão dedicada e apaixonada por uma crença como você - disse Scully.

- Por acaso estou sendo elogiado ou acusado? - perguntou Mulder.

- Sua crença é tão intensa que pode estar causando cegueira - disse Scully.

- O que está querendo me dizer? - perguntou Mulder.

- Há outras pessoas que sabem o que eu faço com essa sua paixão - disse Scully. - Eu a respeito e a admiro. Mas essas outras pessoas podem usá-la... contra você mesmo.

Mulder nada disse. Seu rosto não mostrava expressão alguma.

- A verdade está lá fora, Mulder - disse Scully, fazendo um último esforço no sentido de romper a barreira que repentinamente se levantara entre eles dois. - Mas as mentiras também estão.

Mulder nem pensou em responder.

Simplesmente virou-se e saiu.

Capítulo 10

Scully não tentou ir atrás de Mulder. Seus ombros caíram quando ela ouviu a porta de entrada do apartamento bater atrás dele. Balançando a cabeça, ela olhou para a mesa vazia, onde a foto havia estado.

Devia saber que Mulder não lhe daria ouvidos. Scully suspirou fundo. Mulder lhe havia ensinado tanta coisa. Por que ele não deixava que ela lhe ensinasse algo também? Por que ele nunca ouvia a voz da razão? A teimosia dele deveria tê-la deixado com raiva. Mas não deixou. Ela havia ficado triste. Triste porque não havia meio de impedir que Mulder se entregasse a uma aventura que provavelmente não passaria de uma loucura. E triste porque não tivera suficiente presença de espírito para ir com ele, independentemente de tratar-se ou não de uma loucura.

Scully ainda estava de mau humor quando se levantou ao amanhecer do dia seguinte, depois de passar a noite toda em claro, e então foi para o trabalho. O céu sobre Washington estava cinzento, com a ameaça de chuva, e combinava perfeitamente com o que ela sentia.

Seus pés se arrastavam enquanto ela caminhava pelos corredores do edifício-sede do FBI, a caminho da sala que ela e Mulder usavam como escritório.

Ela abriu a porta da sala. De repente, seus olhos quase fecharam. Ela percebeu que o abajur da mesa de Mulder estava aceso. Mulder era capaz de sair e deixar as luzes acesas, mas ela não. E ela havia sido a última a sair daquela sala na noite anterior.

Os lábios de Scully se apertaram. As pessoas que haviam plantado o grampo eletrônico em sua caneta aparentemente pretendiam continuar espionando. E podiam forçar a entrada na sede do FBI para fazer isso.

A menos, claro, que não tivessem de forçar a entrada. A menos que já estivessem lá dentro.

"Tudo era possível", pensou Scully. Nada mais era capaz de surpreendê-la. A única coisa surpreendente agora era o fato de a luz ter sido deixada acesa. Eles estavam ficando descuidados. A menos que ela os tivesse surpreendido, aparecendo tão cedo no trabalho.

A menos que eles ainda estivessem...

Ela ouviu um barulho atrás de si e sua mão direita voou na direção da bolsa, em busca de sua arma.

- Estive aqui a noite toda - disse Mulder.

Scully quase desmaiou.

- Não devia aparecer de surpresa por trás das pessoas, agente Mulder - disse ela. - O mundo já é suficientemente assustador.

- Está cada vez mais assustador - concordou Mulder, colocando uma série de fotos sobre sua mesa. - Fiz uma completa análise da fotografia no sistema de computadores do Bureau.

- E o que descobriu? - perguntou Scully.

A foto original de Fort Benning estava ali, assim como uma série de ampliações.

- A princípio a foto parecia perfeitamente genuína - disse Mulder. - Sem qualquer sinal aparente de manipulação. A granulação do filme era a mesma em todos os pontos da foto. E também eram normais os níveis das cores e as sombras. Mas aí eu percebi isto. - Ele apontou para o céu do entardecer mostrado na foto original. E disse:

- Aqui está a lua. É uma lua nova. - Então ele apontou para a poça d'água vista no chão, dizendo: - Como se pode ver, parece haver um ligeiro reflexo na água, muito sutil. Fiz uma ampliação de quase vinte e cinco vezes o tamanho dessa poça. - Ele apontou para a ampliação e disse: - Aí está o reflexo da lua. Mas é uma lua em quarto crescente - Mulder afastou-se das fotos. Ergueu o olhar para cima, com uma expressão rígida no rosto. - E isso, é claro, sem falar no fato de que essa poça não poderia estar refletindo a imagem da lua a partir desse ângulo. Você tinha razão, Scully. A fotografia é uma fraude.

Scully ficou olhando para a foto. E disse:

- É uma falsificação muito bem-feita. Seria capaz de enganar praticamente qualquer pessoa.

Sem dúvida alguma, trata-se de uma fraude concebida por alguém que domina perfeitamente a arte de enganar os outros. De certo modo, é uma obra-prima dessa arte.

- De qualquer modo é uma falsificação - disse Mulder, com a voz fraca. - Ele tentou nos enganar.

Scully ficou calada. Mulder olhou para ela e continuou:

- Estamos sozinhos nisto. Não há realmente ninguém em quem possamos confiar agora. Eles tiveram bastante trabalho para nos mandar para o rumo errado. Mas, pelo menos, acabaram nos dando uma peça de informação absolutamente vital. Agora podemos ter certeza de uma coisa.

- E o que é? - perguntou Scully.

- Há alguma coisa lá fora que eles esperam que ninguém seja capaz de encontrar - disse Mulder.

- E existe algo mais que podemos saber com certeza - instigou Scully.

- E o que seria? - perguntou Mulder.

- Alguém está disposto a fazer qualquer coisa no mundo para evitar que encontremos isso - respondeu Scully.

Capítulo 11

Mulder decidiu que a melhor defesa seria um bom ataque. Naquela noite ele mandou para Garganta Profunda outro sinal luminoso da janela de seu apartamento.

Dessa vez o telefone tocou no mesmo instante. Mulder apanhou o fone e contou os estalidos metálicos.

Apesar de tudo o que sentia, ele teve de sorrir quando descobriu onde seria o ponto de encontro.

Na manhã seguinte Mulder estava parado observando os bonitos peixinhos ornamentais que nadavam atrás dos espessos painéis de vidro do Aquário de

Washington. Os tanques eram bastante bem iluminados e as áreas de observação mantidas no escuro, permitindo uma visão muito melhor do movimento dos peixes embaixo d'água.

Mulder estava parado ali havia menos de dez minutos quando viu o reflexo de uma pessoa atrás dele.

Uma vez mais Garganta Profunda tinha a gola da capa virada para cima e a aba do chapéu sobre os olhos. Ainda assim, e mesmo pelo reflexo no vidro do aquário, Mulder conseguiu ver o intenso brilho dos olhos dele. Mulder não se voltou para olhar para o homem. Simplesmente moveu os olhos para encará-lo através de seu reflexo no vidro.

Durante alguns instantes os dois homens permaneceram em silêncio, ambos recusando-se a piscar.

Então Garganta Profunda perguntou:

- Por que você não partiu rumo a Fort Benning?

Mulder fez uma ligeira pausa, para manter toda a sua ira sob controle.

Então, disse friamente:

- A fotografia era uma falsificação - Garganta Profunda ficou em silêncio. E Mulder disse: - Pelo menos você não está insultando minha inteligência, fingindo estar surpreso diante de minha descoberta.

- Pelo contrário, só posso lhe dar os meus melhores cumprimentos - declarou Garganta Profunda. - A fotografia foi preparada por pessoas que eu considero serem as melhores nesse ramo de atividade.

Mulder já não conseguia mais controlar sua ira e então disse com um tom de amargura na voz:

- Eu pensei que você fosse meu aliado. Cheguei até a pensar que fosse meu amigo.

- Oh, mas eu sou - respondeu ele, como se estivesse magoado. - Certamente sou seu amigo.

- Poderia repetir o que está me dizendo, por favor? - pediu Mulder. - Com amigos como você, eu não preciso de nenhum...

- Permita que eu lhe recorde - interrompeu Garganta Profunda - que coloco minha vida em perigo toda vez que venho conversar com você.

- Continue falando.

- Só posso dizer uma coisa - continuou ele. - Eu já participei das mais terríveis mentiras que já foram contadas ao povo norte-americano. E já vi coisas que nem as cabeças mais malucas seriam capazes de imaginar - Os olhos de Garganta profunda já não se encontravam com os de Mulder no reflexo do aquário. Olhava diretamente para a frente, para as criaturas que flutuavam do outro lado do vidro. E prosseguiu: - Faz muitos anos que venho observando você, agente Mulder, a partir de minha posição... vantajosa. Demorou muitos anos para eu decidir que você seria uma pessoa digna de minha confiança.

- Então, por que mentiu para mim? - perguntou Mulder.

- Eu precisava desviar você do caminho - respondeu ele. Você e a agente Scully são excelentes investigadores. E seus motivos não poderiam ser melhores. Mas ainda existem alguns segredos que devem permanecer guardados... verdades que o povo ainda não está preparado para aceitar.

- E quem é você para decidir isso? - perguntou Mulder.

- A reação a esses segredos poderia ser perigosa demais - declarou Garganta Profunda.

- Perigosa? - perguntou Mulder. - Perigosa em que sentido? Perigosa porque o povo explodiria de ódio por causa das mentiras? Mentiras como o assassinato de Kennedy? O caso dos soldados desaparecidos na Guerra do Vietnã? Das experiências com radiação em doentes terminais? Dos episódios como Irã-Contras, Watergate e as experiências de Tuskegee? Quando vocês começam a esconder as coisas, por acaso pensam em parar algum dia? Em algum momento isso vai acabar? Ou com homens como você no comando a coisa vai continuar para sempre, até que os acobertamentos estejam por toda parte e a verdade não possa mais ser encontrada?

Garganta Profunda ficou em silêncio, ainda olhando para a frente. E Mulder disse:

- A transcrição que você me deu sobre a comunicação do piloto iraquiano pelo rádio... Aquilo de fato é verdade, não é?

Garganta Profunda confirmou, balançando a cabeça.

E Mulder continuou:

- Então, por que perdeu seu tempo me mostrando aquilo?

- Eu sabia que você havia sido informado a respeito do caminhão e dos contatos com óvnis - disse ele. - Assim, eu sabia que, em algum momento, teria de fazer com que você se desviasse das coisas que não deveria descobrir. Eu teria de mentir para você, e minha mentira teria de ser muito boa. Como você deve saber, agente Mulder, uma mentira é muito mais fácil de engolir quando colocada como recheio de sanduíche no meio de duas verdades.

- Isso é tudo o que você tem a me dizer? - perguntou Mulder.

O silêncio de Garganta Profunda foi sua única resposta.

- Obrigado... por nada - arrematou Mulder, com um desgosto profundo na voz. E virou-se para ir embora.

Garganta Profunda chamou por seu nome. Mulder voltou-se para olhar para o reflexo de Garganta Profunda no aquário. Ele disse:

- Mulder, se o tubarão parar de nadar ele morre - Então ele fez uma pausa, como um corredor cansado que respira fundo. E continuou: - Nunca pare de nadar - Ele tinha apenas mais uma coisa a dizer antes de virar-se e ir embora: - Não sou responsável pela colocação do grampo eletrônico, Mulder. Mas sei que eles ainda conseguem ouvir o que vocês dizem.

Capítulo 12

A primeira coisa que Mulder fez quando chegou de volta em casa, depois de separar-se de Garganta Profunda, foi examinar cuidadosamente todos os porta-retratos e quadros que tinha no apartamento.

Depois disso, foi examinar o resto da casa, trabalhando com uma intensidade quase cega de paixão e ira.

Na cozinha olhou cuidadosamente embaixo de todos os armários, tirou todos os apetrechos que estavam guardados dentro, e esvaziou todas as gavetas.

No banheiro, examinou as torneiras, o chuveiro e o vaso sanitário, além de chegar ao extremo de desparafusar os encanamentos. Na sala de visitas virou

todos os móveis de cabeça para baixo, desmantelou o aparelho de TV e o videocassete, desfez as almofadas do sofá, removeu todas as lâmpadas, e verificou até o telefone, embora achasse ser esse um lugar um tanto óbvio para a instalação de um grampo eletrônico.

Estava removendo todos os parafusos do espelho do interruptor de luz que tinha no quarto quando alguém tocou a campainha.

Ele foi para a porta da frente e abriu. Era Scully.

- Que prazer em ver você - disse ele.

- O que você está fazendo? Exercícios? - perguntou ela, ao ver a camisa dele molhada de suor. Então Scully viu os móveis revirados na sala de visitas. - Mulder, o que foi que...

Mulder colocou o dedo indicador sobre os lábios e Scully ficou calada.

Em silêncio, ele a levou para o quarto de dormir.

Enquanto Scully observava, ele terminou de desparafusar o espelho do interruptor de luz. Seu rosto iluminou-se, mas apenas por um momento. Então, sua expressão ficou escura de ódio. Ele apontou para um minúsculo chip colado aos fios, na parte de trás do painel. Não foi preciso dizer a Scully do que se tratava.

Mulder olhou uma vez mais para o grampo eletrônico. Então, caminhou de volta para a sala de visitas, acompanhado de Scully.

E uma vez mais fez um gesto para que ela ficasse em silêncio.

- Tenho pensado muito a respeito da situação pela qual estamos passando - disse ele sentando-se ao lado do computador portátil que estava sobre sua mesinha de centro.

Enquanto isso, os olhos de Scully percorriam todos os cantos do aposento, observando os móveis revirados. Agora já entendia o que tinha acontecido ali. Seu rosto mostrava uma expressão severa.

- Eles ganharam este primeiro assalto - disse Mulder. Agora, vamos seguir em frente.

E começou a digitar rapidamente alguma coisa no seu computador.

Scully ficou observando sua mensagem subir, letra por letra, na pequena tela iluminada: TEMOS DE ENCONTRAR O CAMINHÃO.

Os olhos de Scully encontraram os dele, e ela silenciosamente fez que sim com a cabeça.

Sem dizer uma palavra, Mulder apontou para o espelho retrovisor de seu carro. Estava seguindo pela Avenida Pensilvânia, na parte central de Washington, com Scully sentada na parte de trás. Ela olhou pelo espelho e viu que o carro preto ainda os estava seguindo. O mesmo carro vinha atrás deles desde o instante em que Mulder deixara seu apartamento.

"Isso era de esperar", pensou Scully. "A melhor coisa a respeito dessas pessoas é que elas são perfeitamente previsíveis."

- Olhe, Scully, isso na verdade nada tem a ver com nosso trabalho - disse Mulder em alto e bom som. - Ou seja, ninguém nos mandou fazer isso. Se você não quiser continuar trabalhando nesta investigação, desça do carro e volte para o escritório. Eu compreenderei.

- Fico feliz em saber que pensa desse jeito - disse Scully, com a mesma clareza na voz. - E acho que pode me considerar fora da investigação. Espero que não se magoe.

- Claro que não vou me magoar - disse Mulder.

Ele parou ao lado da calçada e Scully desceu do carro.

Ela ficou observando enquanto o carro de Mulder partia, e então caminhou depressa por uma rua lateral.

Olhando para trás, ela viu quando um homem desceu do carro preto para segui-la, enquanto o carro continuava na perseguição a Mulder.

"Os atos daquelas pessoas são previsíveis", pensou Scully, "mas também são pessoas bastante espertas".

Independentemente de terem grampeado o carro de Mulder ou não, elas procuravam cobrir todas as bases.

Scully viu um táxi.

Fez sinal para o motorista e, quando o carro parou, ela entrou e sentou-se no banco de trás.

- Aeroporto Dulles, o mais rápido possível - disse ao motorista. - Vai receber 20 dólares a mais se conseguir manter-se acima do limite de velocidade.

Quando o carro ganhou velocidade, ela olhou pela janela de trás.

O homem que havia descido do carro preto estava procurando desesperadamente por outro táxi.

Mas não estava tendo sorte. Scully relaxou no banco de trás.

A partir daquele momento, ela passou a desconfiar que as regras do jogo seriam todas baseadas na sorte.

Capítulo 13

- Para onde vai? - perguntou a jovem atendente do balcão da empresa aérea.

- Ida e volta a Chicago - disse Scully. - No próximo vôo, por favor.

Scully entregou à atendente o seu cartão de crédito, e a jovem curvou-se sobre a tela do terminal do computador para anotar o número do cartão e obter a passagem.

Scully observou bem a atendente enquanto esta digitava no teclado do terminal. Era

uma jovem bonita, loira, mas de aparência bastante comum. "Ela preenche perfeitamente o seu espaço... Talvez perfeitamente demais", pensou Scully. Se tivesse de escolher uma pessoa como agente para trabalhar naquele lugar, Scully provavelmente escolheria uma moça como aquela. E se tivesse de escolher um lugar onde colocar uma agente, seria ali mesmo. Que lugar poderia ser melhor do que aquele para ver para onde as pessoas estavam indo?

"Ora, vamos Scully", disse ela a si mesma. "Parece estar ficando tão paranóica como os Pistoleiros Solitários. O governo invisível não está em toda parte. Não pode estar..."

- Prontinho, senhorita Scully - disse a atendente com um sorriso aberto demais para

ser sincero. - Passagem de ida e volta a Chicago. E aqui está o seu cartão de crédito. O seu embarque será pela porta 35.

- Obrigada - agradeceu Scully, apanhando a passagem e seu cartão de crédito. Então, acrescentou: - Também quero uma passagem de ida no próximo voo para Los Angeles que faça escala em Las Vegas.

A assistente ergueu ligeiramente uma das sobrancelhas e rapidamente abriu outro sorriso.

- Sim, senhora - disse a jovem. E digitou o pedido no terminal do computador, informando a Scully o preço da passagem. - Desculpe, mas não há desconto para quem faz só o voo de ida.

- Não importa - disse Scully. - É uma viagem de negócios.

- Vai usar o mesmo cartão de crédito? - perguntou a atendente. - Ou neste caso vai usar o cartão de sua empresa?

- Nenhum dos dois - respondeu Scully. - Vou pagar em dinheiro.

Scully separou o valor da passagem em cédulas de 20 e as colocou sobre o balcão. A jovem atendente arregalou os olhos, como se nunca tivesse visto dinheiro de verdade antes. Então, contou lentamente as cédulas, uma por uma, e as guardou em uma gaveta, entregando a passagem a Scully.

Enquanto Scully observava as cédulas de 20 sendo colocadas na gaveta, lembrou-se da demonstração que havia sido feita com a fita magnética no escritório dos Pistoleiros Solitários.

"Aqueles caras não poderiam estar certos", pensou ela consigo mesma. "Poderiam?"

Se eles estivessem certos, as cédulas poderiam informar sobre seus movimentos do mesmo jeito que o cartão de crédito. E, isso significava que não havia lugar algum ou de pudesse se esconder dos olhos que observavam todos os seus movimentos, não importando a rapidez com que pudesse viajar nem os truques que aplicasse.

- O voo com destino a Los Angeles parte dentro de meia hora e o embarque é pela porta 17 - informou a atendente.

- Obrigada - agradeceu Scully, colocando a passagem em sua bolsa e afastando-se a passos rápidos.

Ela podia sentir o olhar da atendente acompanhando seus passos. Da atendente e de quem mais?

Enquanto isso, a vários quilômetros dali, Mulder não tinha de ficar imaginando se alguém o estava seguindo.

Ele ainda podia ver o carro preto no espelho retrovisor ao sair de Washington pela moderna rodovia de quatro pistas que levava a Baltimore.

Mulder viu o semáforo vermelho de um cruzamento que se aproximava. Diminuindo a marcha, ele foi para a faixa da direita, dando sinal com a seta de que iria virar à direita.

No espelho ele viu o carro preto fazendo o mesmo.

Assim que Mulder chegou à esquina, o semáforo mudou para verde, e então ele virou rapidamente o volante para a esquerda, ao mesmo tempo que apertava o acelerador até o fundo.

Cantando os pneus, o carro balançou na frente dos outros que ainda estavam parados na faixa ao seu lado, cruzando a toda velocidade o caminho daqueles que vinham na outra direção.

Quando completou a volta maluca e disparou por um trecho quase vazio da moderna rodovia, Mulder percebeu que estava com a respiração presa. Esvaziando os pulmões e enchendo-os de novo com ar fresco, ele olhou pelo espelho e viu uma enorme confusão armada na esquina, lá atrás. O carro preto não havia conseguido passar.

Assim que Mulder escapou da vista de quem estava na esquina, virou o carro para entrar em uma estrada secundária, e começou a dar a volta no sentido de quem vai para Baltimore e para o aeroporto dessa cidade.

Quatro horas depois, Mulder e Scully encontravam-se no aeroporto de Las Vegas.

No entanto, não se cumprimentaram. Nem ao menos olharam um para o outro.

Ficaram lado a lado junto à prateleira de uma banca de revistas, cada um deles folheando uma publicação.

Falaram um com o outro com os olhos fixos nas páginas das revistas, levantando a voz apenas até um nível que permitisse serem ouvidos acima do insistente ruído das máquinas papa-níqueis.

- Ocupei o telefone de bordo do avião durante três horas seguidas - disse Mulder. - Liguei para todas as estações de pesagem e para todos os escritórios do Bureau a oeste do Mississippi.

- Eu também - disse Scully. - Ainda estou com a orelha adormecida de tanto falar ao telefone.

- Pelo menos podemos ter certeza de que eles não conseguiram ouvir os nossos telefonemas - disse Mulder.

- Será que podemos mesmo? - perguntou Scully.

Mulder encolheu os ombros enquanto virava uma página da revista. E disse:

- Seja como for, fizemos o melhor que podíamos ter feito. O problema é que ainda não encontramos o caminhão. Você teve mais sorte?

- Sim - respondeu Scully, olhando para uma brilhante foto de uma modelo desfilando em uma passarela de Paris. - O caminhão está se dirigindo para noroeste, na Rodovia Interestadual 90. Temos de comprar passagem para Seattle.

Mulder olhou para a foto de Michael Jordan suspenso no ar, com a bola de basquete saindo de suas mãos a caminho da cesta.

- A costa do Pacífico. É o fim da linha - disse ele.

- Certo - concordou Scully, fechando a revista e devolvendo-a à prateleira. - É o fim da linha... de um jeito ou de outro.

Capítulo 14

No aeroporto de Seattle, Mulder e Scully alugaram um carro. Foram obrigados a usar seus cartões de crédito, porque a companhia locadora não aceitou pagamento em dinheiro.

- Langly, dos Pistoleiros Solitários, afirma que o governo pretende parar de imprimir dinheiro - disse Mulder. - Todo mundo vai ter de usar plástico. Assim não haverá como nos escondermos, independentemente da quantidade de dinheiro que tenhamos e do que façamos com ele.

- Há pouco tempo eu achava que essa idéia era maluca - disse Scully.

- E agora? - perguntou Mulder.

- Agora eu acho que é melhor verificar se este carro não tem nenhum grampo eletrônico - respondeu Scully.

Ao final da tarde eles estavam com o carro estacionado no meio de grandes árvores, em um acostamento da Rodovia Interestadual 90. Com os binóculos Scully verificava cada veículo que passava, enquanto Mulder estudava um mapa daquela área.

- Pense bem nisso - resmungou Mulder. - Aquele caminhão vem viajando pelo país inteiro. É uma carreta de aparência perfeitamente comum, que todo mundo ignora. Ninguém suspeita que esteja transportando uma nave espacial vinda de outro mundo.

- Há muita coisa de que ninguém suspeita hoje neste país - disse Scully. - Exceto, talvez, alguns malucos.

De repente ela ergueu o corpo do encosto do assento, com os olhos pregados nos binóculos. E disse:

- Agora acho que é ele.

Ela passou os binóculos a Mulder.

- Aquele é o nosso garoto - concordou Mulder, focalizando a vista no caminhão que se aproximava.

Mulder colocou os binóculos sobre o assento do carro e girou a chave na ignição. Esperou com o motor em marcha lenta até que a carreta passasse por eles. E ainda esperou mais alguns segundos.

Então, entrou com o carro pela pista e foi atrás do caminhão, mantendo suficiente distância para não levantar suspeitas, mas procurando certificar-se de que mantinha o outro veículo bem à vista.

Já estava começando a anoitecer quando o caminhão saiu da rodovia principal e entrou por uma estrada secundária que serpenteava pelo meio da floresta. O motorista da carreta diminuiu bastante a velocidade e Mulder fez o mesmo.

- Parece uma estrada que não leva a lugar algum - disse Mulder, seguindo lentamente o caminhão.

- Quer que eu dirija? - perguntou Scully. - Toda vez que viajamos a menos de 60 por hora você parece um cavalo mordendo uma cenoura.

- Boa idéia - disse Mulder, parando o carro ao lado da estrada.

Duas horas depois, tudo o que conseguiam ver do caminhão eram as luzes traseiras brilhando na frente deles no meio da noite sem luar.

- Mulder, faz uma eternidade que estamos seguindo aquele caminhão - disse Scully. - Talvez ele tenha percebido que o estamos seguindo e resolveu achar um meio de nos despistar.

- É possível - concordou Mulder. - Por outro lado, ele talvez esteja nos levando para...

Foi só isso que ele conseguiu dizer.

O mundo explodiu em uma luz fantasticamente branca e brilhante.

A luz foi aumentando ainda mais de intensidade, como uma gigantesca flor na frente deles, e inundou todo o carro.

Junto com a luz ouviu-se um zumbido baixo, que encheu o ar da noite.

Scully tinha desviado o carro para um dos lados da estrada antes de poder pisar firme no pedal do freio. Um vento bastante forte soprou uma nuvem de folhas e galhos secos da floresta contra as janelas do carro. O veículo balançou como se estivesse sendo sacudido por uma mão gigantesca. O rádio, que tocava baixinho, teve o volume aumentado de repente. Um verdadeiro desfile de emissoras saía pelo alto-falante.

Então, com a mesma rapidez com que tudo havia começado, a calma voltou a reinar.

Scully e Mulder ficaram sentados, paralisados dentro do carro, envolvidos pelo silêncio e a escuridão da noite.

Mulder foi o primeiro a recuperar-se.

Cuidadosamente ele abriu a porta do carro e desceu. Olhou para o céu. Viu apenas dezenas de grupos de estrelas brilhando lá em cima.

Então, olhou para o caminhão. As luzes traseiras ainda estavam acesas. Também estava parado, ao lado da estrada. A enorme sombra escura estava inclinada para um lado, com as rodas direitas fora do asfalto.

Scully saiu de trás do volante e juntou-se a Mulder.

- Você está bem? - Mulder perguntou a ela.

Ela fez que sim com a cabeça, fraca demais para poder falar. Seu coração ainda parecia estar querendo sair pela garganta.

Mulder bateu suavemente no ombro dela, para acalmá-la. Então estendeu o braço para dentro do carro e tirou uma lanterna. Scully o seguiu quando ele caminhou na direção da carreta.

Ele foi pelo lado do motorista. O fecho da lanterna mostrou que a porta do motorista estava aberta.

Mulder apontou a luz da lanterna para dentro. Não havia ninguém ali.

A única coisa era o barulho do rádio bem baixinho, além de restos de embalagens de comida.

Copos e pratos de isopor, e várias peças de roupa atiradas pelo chão da cabine.

- Parece ter havido algum tipo de luta por aqui - disse Scully olhando sobre o ombro de Mulder.

- Ranheim! - gritou Mulder dentro da noite. - Você ainda está por aqui?

Ninguém respondeu.

- Vamos - disse Mulder a Scully. - Acho que finalmente chegou a hora da verdade.

Mulder foi na frente, para a parte de trás da carreta.

Os dois olharam para as portas de trás. Estavam ligeiramente abertas.

Mulder fez uma pausa. Respirou fundo e deixou o ar escapar.

Mulder levantou uma das caixas. Era leve como uma pena.

- Só para despistar, naturalmente - disse ele, atirando a caixa vazia para trás.

Scully estendeu o braço e fez o mesmo com outra caixa.

Por uma fresta eles viram o clarão de uma luz vermelha. Mulder e Scully forçaram a vista na direção da fresta, com o rosto lavado pela luz vermelha.

- Scully... - foi tudo o que Mulder conseguiu dizer.

- Oh, meu Deus! - disse ela ao ver aquilo.

Por trás da parede formada pelas caixas de papelão havia um espesso painel de vidro à prova de balas. Por trás do vidro havia uma unidade hospitalar móvel iluminada pela forte luz vermelha e sob aquele clarão havia instrumentos médicos e equipamentos de terapia intensiva. Também havia um pequeno leito com uma rede no lugar do colchão, mais ou menos como uma rede de descanso com armação de aço.

O leito estava vazio.

Mulder conseguiu controlar as aceleradas batidas de seu coração o bastante para pensar em voz alta.

- Aqui havia uma entidade biológica extraterrestre - disse ele. - Uma EBE Viva!

- Onde estaria ela agora? - perguntou Scully. - E Ranheim?

A voz de Mulder continuava cheia de surpresa.

- Acho que acabamos de testemunhar uma operação de salvamento. - Ele olhou para o leito vazio e disse: - Uma operação bem-sucedida.

Capítulo 15

Scully viu os olhos de Mulder brilhando sob aquela estranha luz vermelha. Tinha a aparência de um homem que visita um lugar sagrado.

- Meu Deus, Mulder - disse Scully. - Não consigo mais parar de tremer. - Então ela viu que os olhos dele perdiam o brilho, e perguntou: - Mulder, o que aconteceu?

- Nada... talvez - respondeu Mulder. - Um pensamento acaba de me passar pela cabeça.

- E o que foi? - perguntou Scully.

- Fique esperando aqui - foi tudo o que ele disse.

Mulder caminhou até o carro que havia alugado. Quando voltou, estava carregando um detector de radiação, uma trena e um cronômetro.

Scully percebeu o que ele tinha na cabeça quando mediu uma área ao redor do caminhão e depois varreu o chão com o detector de radiação.

- Nosso contato... por acaso está dentro do padrão? - perguntou ela.

A voz de Mulder era seca.

- Por acaso está me perguntando se isso realmente aconteceu? Se de fato tivemos um contato imediato?

Scully só conseguiu balançar a cabeça.

Mulder olhou para o cronômetro que tinha na mão. Então, tirou um segundo cronômetro do bolso. E comparou a leitura dos dois.

- Alguma diferença? - perguntou Scully.

- Não - respondeu Mulder.

Ele olhou para os cronômetros por mais um instante, como se esperasse ter cometido algum erro na leitura. Finalmente voltou-se de frente para Scully, com os olhos arregalados. E disse:

Foi outra fraude.

- Mas, como? - perguntou Scully. - Como poderia alguém produzir uma força tão terrível como aquela?

- Seja o que for que tenham usado, provavelmente jamais ouvimos falar disso antes – explicou Mulder. - Os bilhões de dólares gastos no desenvolvimento de aparelhos secretos não foram totalmente desperdiçados. Imagine a possibilidade de fabricar armamentos que utilizam ondas de choque de ultra-som. E helicópteros supersônicos invisíveis com luzes de alta intensidade. Qualquer coisa que você conseguir imaginar eles já possuem... E usam. - Mulder encolheu os ombros e continuou: - Não importa muito saber do que se tratava. O que importa mesmo é que não existe prova alguma de que se tratasse de um óvni.

- Quer dizer que eles tiveram todo esse trabalho para produzir uma nova fraude e nos afastar de novo do caminho certo? - perguntou Scully.

- Tudo indica que sim - respondeu Mulder.

- Mas não teria sido muito mais fácil para eles simplesmente... bem... - Scully não sabia como externar seus pensamentos.

Mulder falou por ela.

- Nos matar? Confesso que também fico imaginando a mesma coisa.

Ele recolheu todo o seu equipamento e disse a Scully:

- Você estava certa quando disse que eles descobriram minha fraqueza e a estavam explorando. E pode estar certa de novo. Eles podem estar me usando como arma contra mim mesmo. Sabem o quanto eu quero acreditar que um contato imediato é possível. Podem ter calculado que eu aceitaria este episódio como um contato imediato e que me afastaria satisfeito com essa explicação.

Ele e Scully caminharam lentamente de volta para o carro, deixando para trás o caminhão abandonado, que mais parecia um balão vazio.

- Agora não temos coisa alguma para orientar nossa investigação - disse Scully. - E ninguém com quem conversar.

- Ainda resta uma pessoa que ainda não mentiu... Não na minha cara, pelo menos - disse Mulder.

- E quem é essa pessoa? - perguntou Scully.

- Eu não poderia lhe dizer, mesmo que quisesse - respondeu Mulder. - Seja como for, ele não é exatamente uma pessoa a quem possamos recorrer neste momento.

- Então estamos mesmo sozinhos - disse Scully ao sentar-se de novo atrás do volante do carro alugado.

- Bem, pelo menos podemos contar com a ajuda dos nossos amigos - disse Mulder.

Na manhã seguinte alguém bateu à porta do quarto do hotel onde Mulder estava hospedado.

- Pode entrar... A porta não está trancada - gritou ele.

Era Scully, que trazia seu computador portátil.

- Você acha que está tomando medidas adequadas de segurança desse jeito? - perguntou ela, fechando a porta atrás de si e trancando-a com a chave.

- Levando em consideração o inimigo com que nos defrontamos, não acho que uma fechadura comum como essa possa oferecer proteção adequada - disse Mulder.

- Concordo com você - disse Scully.

Mulder estava sentado sobre a cama. Mapas e pedaços de papel cheios de cálculos e equações estavam espalhados ao seu redor. Scully observou que a cama não havia sido desarrumada. Mulder estava com o telefone na mão. Ele olhou para uma espessa lista telefônica negra que estava aberta sobre suas pernas e discou um número.

- Nick? - perguntou ele. - Aqui é Mulder. O que está acontecendo? - Mulder ficou ouvindo durante alguns instantes. Depois, disse: - Vamos ver se entendi direito. Aconteceu em Leverling. E também em Priest Rapids, na margem oriental do rio Colúmbia? E vocês mandaram um investigador para lá?

Mulder balançou a cabeça ao ouvir a resposta e depois perguntou:

- Você pode confirmar pessoalmente esses relatos? Tem como provar que eles ocorreram, com testemunhas dignas de confiança? - Ele balançou a cabeça várias vezes. - Está bem. Mil vezes obrigado, Nick.

Mulder desligou o telefone.

Apanhando um mapa ele aproximou-se de Scully, que havia colocado o computador portátil sobre a mesa. Ela também havia permanecido a noite toda em claro, digitando um relatório sobre o que haviam investigado até aquele momento. Agora, estava preparada para registrar os acontecimentos mais recentes.

- Entrei em contato com todas as organizações que têm informações quentes sobre relatos de óvnis - informou Mulder. - O Centro para Estudos Ufológicos, que fica em Chicago, o MUFON, o NICAP e todas as outras organizações. Elas jamais viram tamanha atividade ufológica no espaço de uma única semana.

Mulder mostrou a Scully um mapa dos Estados Unidos. Sobre ele havia uma verdadeira trilha de pontos vermelhos, que ia de costa a costa do país.

- A coisa começou no Tennessee, onde Ranheim foi contatado - disse ele. - Partiu dali e chegou até aqui.

Scully estudou os mapas e disse:

- Os relatos que foram feitos de fato acompanham a provável rota seguida pelo caminhão.

- E veja isto - apontou Mulder. - Depois da fraude de ontem à noite, registraram-se mais sete relatos da presença de óvnis em Mattawa, no Estado de Washington. Essa cidade fica a mais de 150 quilômetros daqui. Nossos visitantes do espaço devem estar desesperados, em busca de um meio de levar seu coleguinha de volta.

- E, sejam eles quem forem, você acha que teriam localizado o destino final da EBE que foi capturada? - perguntou Scully.

- Imagino que sim, respondeu Mulder. - Seu dedo correu pelo mapa, até parar sobre as sete marcas vermelhas acumuladas ao redor de um único ponto perto da costa do Oregon. - E nós também localizamos.

Capítulo 16

Este lugar parece o fim do mundo - disse Scully. - Não passa de uma minúscula comunidade rural, com alguns sítios e plantações de frutas, além de muito mato em toda a volta. Estamos dirigindo há horas e ainda não encontramos coisa alguma.

- O fim do mundo é precisamente o lugar onde fica melhor uma instalação de alto nível de segurança - disse Mulder, olhando pela janela do carro, enquanto passavam por uma estradinha estreita, ao lado de um pomar abandonado e da floresta que o cercava.

- Bem, acho que vamos ter de cair fora daqui logo - disse Scully, desviando cuidadosamente o carro dos buracos da estrada. O sol já se pôs há uma hora. Seja o que for que haja por aqui já ficou escondido na escuridão.

- Então há mais uma coisa que podemos procurar - disse Mulder.

- E o que seria? - perguntou Scully.

- Luzes no céu - respondeu Mulder.

- Claro, Mulder, claro - disse Scully.

Então, de repente, seus olhos se arregalaram. E ela perguntou:

- Mulder, você está vendo o que eu vejo?

- Seria difícil não ver isso - respondeu Mulder.

O carro acabara de fazer uma curva na estrada. No céu aparecia um clarão como o de um incêndio.

- Vamos atrás dele! - disse Mulder, ansioso.

Mas acabou afundando desanimado no assento quando chegaram mais perto e ele viu de onde vinha aquele clarão.

- Alguém instalou aquelas luzes no topo da colina - disse Scully. - O pessoal daqui está fazendo uma festa. Dá para ouvir a música tocando.

- Acho que valeria a pena investigar - disse Mulder, tentando disfarçar o desapontamento que sentia. - Não devemos deixar de revirar nenhuma pedra sequer.

- Nem ignorar qualquer luz - emendou Scully. Ela parou o carro e continuou: - Parece que a estrada acaba aqui. Teremos de ir a pé o resto do caminho.

Deixando o carro, eles encontraram uma picada que dava a volta ao redor dos arbustos que revestiam a colina. E seguiram pela trilha, andando com todo o cuidado.

Quando se aproximaram do cume, Scully viu umas duas dezenas de homens e mulheres dançando ao som do rock que vinha de uma poderosa caixa

acústica. Todo o cenário era iluminado pelo clarão amarelo de lanternas de acampamento.

- Parece que o Dia das Bruxas acontece meio fora de época por aqui - disse ela.

A maior parte das pessoas vestia fantasias. Algumas traziam no rosto grotescas máscaras de borracha imitando criaturas alienígenas. Outras estavam usando roupas espaciais feitas em casa.

Acima delas havia uma bandeira pendurada em um poste. E grandes letras vermelhas formavam uma mensagem: BEM-vindos.

- Ei, cara, venha juntar-se a nós! - gritou alguém para eles.

Um homem enorme, que mais parecia um urso, aproximou-se de Mulder. Tinha o nome "Freddie" costurado no bolso da camisa.

Então o homem voltou-se para Scully e disse: - Ahh-doo-nay-vah-so-barahgahs...

- O quê? - perguntou Scully.

- É uma saudação na linguagem intergaláctica que desenvolvemos. Esperamos que se torne um padrão para uso em todo o Universo - explicou Freddie.

- E qual o significado da saudação? - perguntou Scully.

- Olá, irmãos do espaço - respondeu Freddie.

- E irmãs também, eu suponho.

- Ah, sim, claro... - disse Freddie. - Vou tomar nota disso. Ainda temos alguns pequenos problemas a resolver.

- Então, diga-me: o que está acontecendo por aqui? perguntou Scully, enquanto Mulder limitava-se a ficar parado ali, sorrindo.

- É uma festa ufológica - respondeu Freddie. - Temos motivos para comemorar.

- Vocês viram algum óvni por aqui? - perguntou Mulder.

- Aqui mesmo, onde nos encontramos agora - respondeu Freddie.

- Tem certeza disso?

- Claro que sim.

- E quando foi que viram esse óvni?

- Nas duas últimas noites - respondeu Freddie.

- Por acaso vocês estabeleceram comunicação com os visitantes? - perguntou Mulder.

- Infelizmente ainda não foi possível - disse Freddie. Mas estamos esperando que eles voltem. Sabemos que eles são atraídos para este lugar por causa da nossa energia elétrica.

Eles ficam pairando sobre a usina que fica lá embaixo.

- Uma usina de produção de eletricidade? - perguntou Scully. - Aqui?

- Claro - respondeu Freddie. - As companhias distribuidoras escondem as usinas para que não possamos ver a poluição que elas causam. O que a gente não vê não pode nos machucar, não é?

- Interessante - disse Mulder. - Eu gostaria de dar uma olhada nessa usina.

- Não vai poder olhar de perto antes de o dia clarear - explicou Freddie. - Eles mantêm as luzes bem fracas à noite. Como, eu já disse, é uma operação bastante secreta. - Freddie começou a dançar, estalando os dedos no ritmo da

música. - Venham comemorar conosco. Queremos mostrar aos nossos irmãos lá de cima que organizamos uma calorosa recepção para eles.

Mulder deu uma risada amarela e disse:

- Eu desconfio que eles já sabem o que esperar dos terráqueos.

- Podem dançar até o amanhecer e então investigar a usina de produção de energia – convidou Freddie.

- Desculpe - disse Mulder. - Quem sabe na próxima vez. Agora eu gostaria de dar uma volta e olhar por aí. Tenho binóculos que me permitem enxergar à noite.

- Bem, faça o que quiser, cara - disse Freddie balançando sua cabeça de criatura do espaço. - Tudo bem. Cada um deve ficar na sua. Mas saiba que pode ter uma visão mais clara da usina se ficar do outro lado da colina.

Quando Freddie voltou para junto de seus amigos, Mulder e Scully foram em busca do lugar que projetava as luzes para o céu.

Mulder olhou para baixo da colina, com seus binóculos de visão noturna.

Depois, em silêncio, passou os binóculos a Scully.

- Seja o que for, é de altíssima tecnologia... e de alta segurança - disse Scully, estudando o enorme edifício que havia lá embaixo. Era feito de concreto armado, sem janelas, e com uma única porta de aço. Toda a área ao redor era asfaltada e circundada por uma alta cerca eletrificada. Dezenas de carros, jipes e caminhões estavam estacionados perto do edifício, e dois homens montavam guarda junto ao portão de entrada. Não estavam usando uniformes, tampouco tinham armas. Mas pelo modo como se comportavam, Scully podia ter certeza de que as roupas que estavam usando eram uniformes e que seriam capazes de mostrar suas armas a qualquer momento.

- Eu não quero desapontar o Freddie, mas aquilo não é uma usina de produção de eletricidade - disse Scully, passando os binóculos de volta para Mulder.

Ele os levantou de novo diante dos olhos.

Então ficou duro, como se uma corrente elétrica estivesse passando por seu corpo.

- Bingo! - exclamou ele.

Capítulo 17

É ele, eu tenho certeza - disse Mulder, olhando pelos binóculos. Então passou-os a Scully. - Você pode confirmar a identidade.

Scully levantou os binóculos e olhou através deles. Vários homens usando jaquetas de lenhador haviam saído do prédio. Um deles era o motorista de caminhão que havia dito se chamar Ranheim.

- Conseguimos descobri-lo! - disse Mulder.

- Odeio ter de jogar água fria na sua fervura, Mulder - disse Scully. - Mas antes de começar a celebrar como os seus amigos ali, acho que devemos considerar alguns detalhes importantes.

- O que, por exemplo? - Enquanto Mulder olhava para o prédio lá embaixo, seus olhos brilhavam.

- Podemos estar certos de que eles dispõem dos mais modernos equipamentos de segurança naquelas instalações - observou Scully - Não pense que eles usam cadeados comuns que podemos abrir com facilidade, nem que poderíamos entrar ali mostrando os nossos distintivos. Na verdade, estamos falando da mais moderna e avançada proteção.

Mulder balançou a cabeça.

- Entrar ali vai ser meio problemático - concordou ele. No entanto, onde quer que haja um problema, também haverá sempre uma solução. Felizmente temos alguns amigos que são altamente especializados em resolver problemas de segurança. Este é exatamente o tipo de desafio que eles adoram enfrentar.

- Você não está falando daqueles malucos chamados Pistoleiros Solitários, está - Scully balançou a cabeça.

Mulder respondeu que sim. E acrescentou:

- Seja qual for sua opinião a respeito das coisas em que eles acreditam, jamais poderá negar que contam com uma certa especialização técnica.

Scully encolheu os ombros. Depois disse:

- Acho que valeria a pena tentar.

Mulder já estava com o telefone celular na mão. Discou o número com a rapidez de uma metralhadora.

- Langly, aqui é Mulder. Desligue o seu gravador.

E esperou até que a voz do outro lado respondesse:

- Pois bem. está desligado.

Mulder esperou e depois disse mais alto:

- Desligue!

Ouviu-se um longo suspiro do outro lado da linha. Então, depois de uma nova pausa, Langly declarou:

- Está bem, está bem. Agora está desligado!

- Langly, quero pedir que você prepare nomes e números de identidade falsos para que eu e a agente Scully possamos passar pelos mais altos níveis de segurança do governo - pediu Mulder.

- Por acaso está brincando, Mulder? - perguntou Langly. Sabe o que isso significa? Teríamos de penetrar no sistema de computadores da Segurança Nacional, desvendando suas mais recentes senhas de acesso. Teríamos de vencer os mais recentes obstáculos para impedir todas as atividades não-autorizadas. Além disso, teríamos de alterar os bancos de dados sem sermos descobertos. Teríamos de sair do sistema sem deixar qualquer vestígio. Ou seja, por mais que gostemos de você, Mulder... - Langly fez uma breve pausa e depois continuou: - Frohike pediu para acrescentar que também apreciamos muito a sua adorável e atraente colega. Mas estamos bem no meio de uma tarefa muito importante e sinto dizer que estamos ocupados demais para...

- Langly - interrompeu Mulder. - O que você diria se fosse uma chance de conseguir a primeira foto autêntica de uma entidade biológica extraterrestre?

- Uma EBE vivinha da silva?

- Uma EBE vivinha da silva - afirmou Mulder.

Depois de uma breve pausa, eles ouviram o murmúrio de várias vozes ao telefone, vindo do escritório dos Pistoleiros Solitários. Langly voltou à linha.

- Ouça, você tem condição de esperar cerca de uma hora pelo que está me pedindo? Desculpe por essa demora, mas um dos nossos computadores está fora do ar...

Exatamente uma hora e quinze minutos depois, um dos guardas caminhava para o carro alugado que havia parado junto ao portão eletrificado.

Mulder abaixou o vidro de sua janela.

- Olá, amigos - disse o guarda. - Estão perdidos por aqui? Terei o máximo prazer em lhes indicar o caminho para a cidade mais próxima. Também poderão encontrar um motel logo aí na frente, na estrada.

- Meu nome é Raidwood - disse Mulder. - Minha colega aqui é Steffoff.

O guarda fez um gesto com a cabeça para o companheiro que estava ao lado. O outro tirou um computador portátil da mochila e digitou alguma coisa no teclado.

Levantou o olhar e fez que sim com a cabeça.

- Número de identificação - pediu o guarda.

- Sete cinco nove três - respondeu Mulder.

- Oito dois quatro sete - disse Scully.

O guarda tornou a olhar para o companheiro. Este digitou os números no teclado, esperou alguns instantes e fez que sim com a cabeça.

- Abra o porta-malas, por favor - pediu o primeiro guarda.

Mulder apertou o botão no painel que comandava a abertura do porta-malas.

Ficou sentado, o corpo ereto e os dedos firmemente agarrados ao volante do carro, olhando para a frente, ouvindo o guarda remexer no porta-malas. Ao lado dele, Scully também olhava para a frente, quase sem respirar.

- Muito bem - disse o guarda, abrindo o portão. - Parem o carro no estacionamento número 4.

Mulder deixou escapar o ar que trazia preso nos pulmões. Respirou bem fundo e deu a partida no carro.

Mas o veículo mal havia entrado pelo portão quando o segundo guarda levantou os olhos do computador e gritou:

- Ei, você! Espere!

- Oh, meu Deus! - exclamou Scully em um tom de voz tão baixo que apenas Mulder conseguiu ouvir.

Mas Mulder desconfiava que ninguém, nem mesmo Os Pistoleiros Solitários, seria capaz de ajudá-los naquele momento.

Capítulo 18

Mulder procurou considerar suas opções.

Podia pisar no acelerador e disparar com o carro... Mas não tinha para onde ir.

Também podia engatar a marcha a ré e tentar fugir dali. Mas isso poria por terra qualquer outra chance de entrar no misterioso edifício.

Ele podia apanhar sua arma e Scully também. Mas não teriam chance de ganhar uma batalha daquela, depois do primeiro tiro, quando mais guardas saíssem correndo de dentro do prédio. Ou podia fazer o que lhe restava fazer. Ficar sentado ali, esperando que o guarda chegasse até o carro.

Então, reagiria conforme a situação.

Os poucos segundos transcorridos até a chegada do guarda pareceram horas inteiras. O rosto do guarda estava escuro de raiva quando ele chegou perto do carro.

- O que há de errado com vocês dois? - perguntou ele. Esqueceram-se disto.

Pela janela aberta do carro ele entregou a Mulder e Scully dois crachás de visitantes.

- É verdade... Desculpe - disse Mulder, colocando o crachá na lapela do paletó. - Fizemos uma longa viagem até aqui e ainda estou meio tonto.

- Entendo o que está passando - disse o guarda. E fez um gesto para que eles continuassem. - Lembre-se de parar o carro no estacionamento número 4.

- Claro - disse Mulder -, não quero meu carro guinchado.

- Ninguém se preocuparia em guinchar seu carro - disse o guarda. - Eles tratariam de arrastar você... deitado e com os pés na frente.

Mulder encontrou o estacionamento marcado com um grande número 4 em vermelho e parou o carro ali. Ele e Scully caminharam até a grande porta de aço do edifício e ajeitaram os crachás que haviam recebido.

- Aqui vamos nós - disse Mulder.

Não havia ninguém de guarda do lado de dentro.

- Está parecendo fácil demais - observou Mulder quando começaram a caminhar por um corredor deserto.

Ele olhou para as portas dos escritórios, onde mulheres e homens fardados trabalhavam sentados diante de suas escrivaninhas. Ninguém levantou o olhar enquanto os dois visitantes passavam.

- Nível um... nível dois... - Scully ia lendo as placas colocadas ao longo do corredor.

- Langly informou que a segurança aqui vai até o nível seis - disse Mulder. - Mas não conseguiu obter um passe que nos permita passar por esse nível. Foi o único código de acesso que ele não conseguiu quebrar.

- Por que será que estou achando que é nesse nível que teremos de chegar? - perguntou Scully quando eles tomaram o elevador para o segundo andar.

Lá em cima eles encontraram os níveis três e quatro.

- Estamos chegando perto - disse Mulder.

- E vamos subir de novo - disse Scully, apertando o botão do elevador.

- Nível cinco - ela leu quando o elevador parou.

Não demorou até que Mulder começasse a caminhar pelo corredor, como um tigre que fareja um novo território.

Scully o seguia de perto. Havia um policial do Exército parado na frente de uma enorme porta, com a mão apoiada sobre a coronha do revólver guardado no

coldre. Seus olhos diziam que ele estava pronto para usar a arma se fosse necessário.

Mulder e Scully passaram pelo guarda, conversando a respeito do tempo.

Uma placa que havia na porta guardada dizia: NÍVEL SEIS - ENTRADA PERMITIDA APENAS A PORTADORES DE PASSES DE ACESSO "AA".

- Tão perto... - disse Mulder depois que viraram pelo corredor.

- E ao mesmo tempo tão longe - arrematou Scully. Aquele policial não parece ser do tipo que dá ouvidos a conversa fiada. Diria que é de pouca fala e muita ação.

- Temos de passar por aquela porta - disse Mulder determinado.

- Duvido que o guarda nos deixe passar - disse Scully.

- Vamos passar por lá de novo - disse Mulder. - Talvez possamos encontrar outro modo de entrar.

- Se aquele guarda nos vir passar por lá de novo vai ficar desconfiado - advertiu Scully.

Mas Mulder já estava voltando pelo corredor.

Scully fez uma careta. Ela sabia que jamais conseguiria dissuadir Mulder de fazer uma coisa quando ele estava tão perto daquilo que desejava tanto. Nada seria capaz de pará-lo. Nada, exceto talvez uma arma.

O policial tirou a arma do coldre quando Mulder e Scully viraram a esquina no fundo do corredor.

Ele devia ter seguido os dois e esperado por eles ali, pensou Scully sentindo um calafrio na espinha.

Devia ter ouvido tudo o que eles haviam dito.

- Vocês dois, acompanhem-me - disse o guarda.

- Desculpe. Estamos apenas perdidos - disse Mulder. Poderia por favor nos dizer...

- Caminhem na minha frente pelo corredor, com as mãos onde eu as possa ver - ordenou o policial.

- Somos agentes do FBI - disse Scully. - Vou apanhar meus documentos.

- Eu ordenei que marchem! - insistiu o soldado.

- Mas... - disse Mulder.

O policial do Exército virou a trava de segurança de sua enorme 45 e disse:

- Não estão entendendo direito? Vamos. Agora!

Quando Mulder e Scully decidiram obedecer, o soldado apanhou o microfone de um aparelho de radiocomunicação que estava preso ao seu ombro e disse:

- Aqui é o nível seis. Detive um homem e uma mulher que se identificaram como...

Naquele momento eles estavam passando diante da porta com a placa NÍVEL SEIS.

Scully quase conseguiu ouvir alguma coisa estalando dentro da cabeça de Mulder. E gritou:

- Mulder, não!

Tarde demais.

Mulder já estava correndo em direção à porta. E o policial estava fazendo mira com o revólver.

Tudo o que Scully pensou em fazer foi saltar na frente da arma, enquanto o guarda gritava:

- Pare!

Capítulo 19

O dedo do soldado congelou no gatilho quando Scully saltou na sua frente. Isso permitiu que Mulder tivesse tempo suficiente para abrir a porta, entrar correndo e fechar de novo a porta ao passar.

Quando trancou o ferrolho, campainhas e alarmes começaram a soar por toda parte. Ele esperava que o ferrolho lhe permitisse ganhar algum tempo. Mas não muito. Talvez apenas o suficiente.

Tempo bastante para ver o que havia ficado trancado durante tanto tempo e atrás de tantas medidas de segurança. Ele jamais tivera uma oportunidade como aquela antes. E talvez jamais voltasse a ter.

Com a porta fechada, Mulder viu-se na escuridão, exceto por fracas luzes verdes que estavam acesas. Depois de alguns instantes seus olhos se acostumaram à luz fraca, permitindo que ele descobrisse estar na parte de cima de uma escada de metal. Rapidamente ele desceu pelos degraus, ouvindo o eco de seus sapatos pelas paredes.

Junto ao degrau mais inferior da escada havia outra porta. Ali também havia uma placa que dizia NÍVEL SEIS. Mulder respirou bem fundo. Empurrou a porta com a palma da mão e sentiu que ela se abria com facilidade.

Lá dentro havia um enorme laboratório, iluminado por lâmpadas violetas e azuis, e cheio de tantos aparelhos para experiências que poderiam encher uma espaçonave.

No entanto, Mulder não parou para examinar nenhum dos aparelhos. Seus olhos estavam fixos na grande câmara de vidro que havia do outro lado do laboratório.

Ligados à câmara estavam dezenas de tubos e fios. Pulsando lá de dentro vinha o estranho clarão de uma forte luz vermelha.

Para Mulder parecia tratar-se de uma irmã gêmea da unidade de terapia intensiva que ele havia visto anteriormente na carreta daquele caminhão abandonado na estrada.

Ao caminhar na direção da câmara, ele percebeu que estava transpirando bastante.

- Pare aí mesmo! - ordenou uma voz que ecoou atrás dele.

Seu suor ficou gelado.

Mulder virou-se e viu os canos de três fuzis, todos apontados na direção de sua cabeça.

Os três policiais do Exército que seguravam os fuzis ainda tinham o apoio de três outros, com suas pistolas 45 também apontadas para ele.

- Não se mova - ordenou um dos soldados que tinham os fuzis.

Mulder podia ver o seu dedo nervoso curvado por cima do gatilho da arma.

- Nem pense em se mover - disse um segundo soldado.

A expressão do rosto dele parecia estar desafiando Mulder a tentar. Mulder sabia da existência de algumas situações das quais uma pessoa pode tentar safar-se usando uma boa conversa. Mas aquela não parecia ser uma dessas situações.

- Deixem-no à vontade! - ordenou uma voz forte.

Os soldados não fizeram nenhum movimento para abaixar as armas.

- Deixem-no à vontade! - repetiu a voz, que mais parecia um trovão.

Relutantes, os soldados abaixaram suas armas e voltaram-se para ficar de frente para o homem que aparecia pela porta lateral do laboratório.

Ele ficou parado ali, com a gola da capa de chuva virada para cima. Seu rosto estava escondido atrás da aba do chapéu.

- Fizeram um ótimo trabalho, rapazes - disse Garganta Profunda aos soldados. - Estão todos dispensados.

Um olhar confuso tomou conta do rosto dos soldados. Mas eles não questionaram a ordem recebida. Abaixaram as armas e saíram do laboratório.

Mulder e Garganta Profunda ficaram frente a frente. Estavam a pouco mais de cinco metros um do outro, mas a distância entre os dois jamais parecera ser tão grande. Quando falaram, foi como se viessem de dois mundos diferentes.

- Eu sei até que ponto chega o seu incontido desejo de olhar pelo visor daquela câmara – disse Garganta Profunda.

Como se estivesse enfrentando um desafio, Mulder virou-se e tornou a caminhar na direção da câmara.

- De nada adiantaria - disse Garganta Profunda, fazendo com que Mulder parasse no mesmo instante.

Mulder dirigiu a Garganta Profunda um olhar que, na verdade, era uma pergunta silenciosa.

Garganta Profunda respondeu com um movimento da cabeça. E, com a voz tão fria e fraca como a própria morte, disse:

- A criatura morreu.

Morreu? - Mulder tentou dizer. Mas seus lábios recusaram-se a formar a palavra.

Só conseguiu continuar ouvindo, enquanto Garganta Profunda explicava:

- Depois de um incidente semelhante, ocorrido em 1947, realizou-se uma conferência de todas as potências mundiais para decidir o que deveria ser feito em casos como este. Embora a Guerra Fria já tivesse começado, um acordo perfeito foi firmado entre os Estados Unidos, a União Soviética, a República Popular da China, a Grã-Bretanha, ambos os lados da Alemanha dividida e a França.

- Um incidente semelhante? - perguntou Mulder. - Uma conferência? Um tratado internacional? Jamais ouvi qualquer coisa a respeito disso. Nem com todas as pesquisas que fiz.

- Nem poderia ter ouvido - disse Garganta Profunda. Foi tudo feito sob o maior e mais extenso manto de segredo de Estado. E tem sido mantido em segredo por pessoas que sabem fazer isso como ninguém.

- Acho que posso acreditar nisso - disse Mulder. - Diga-me então: que tipo de acordo eles fizeram?

- Ficou decidido que, se qualquer entidade biológica extraterrestre sobrevivesse a um acidente como aquele, o país que capturasse a EBE assumiria a responsabilidade sobre ela.

- Responsabilidade sobre ela? - perguntou Mulder.

- Eu deveria dizer responsabilidade por sua... destruição concluiu Garganta Profunda.

- Mas, por quê? - A voz de Mulder parecia cheia de agonia.

- As grandes potências não querem ver seu poder ameaçado por qualquer coisa que não consigam controlar.

- Mas isso é... Isso é uma... - Mulder não conseguia encontrar a palavra certa.

- É assim a vida na Terra - disse Garganta Profunda. E eu...

Sua voz tremeu e quase desapareceu.

Mulder mal conseguia controlar-se, esperando que ele tornasse a juntar suas forças interiores para poder continuar.

Finalmente, ele foi em frente:

- Eu... Eu tive o desprazer de ter sido um dos três homens que destruíram uma criatura dessas.

- Você? - perguntou Mulder. - Onde? Quando?

- Eu estava trabalhando para a CIA, no Vietnã - respondeu Garganta Profunda. - Um óvni havia sido visto nos céus durante cinco noites seguidas. Os fuzileiros navais conseguiram derrubá-lo e o trouxeram até nós.

- E você viu a criatura? - A voz de Mulder tremia de emoção.

- Possivelmente ela nem soubesse o que era uma arma - disse Garganta Profunda. - Ou talvez essas criaturas não demonstrem suas emoções. Seja como for, sua expressão vazia vinha me perseguindo durante todos esses anos... até que eu a encontrei.

Garganta Profunda caminhou na direção de Mulder.

Mulder sentiu vontade de afastar-se. Mas permaneceu firme onde estava... e sentiu a profunda dor que fluía dos olhos de Garganta Profunda e que parecia penetrar em sua alma.

- Foi por isso que me aproximei do senhor, agente Mulder - disse Garganta Profunda, parando a menos de um metro de distância. - Por isso é que continuarei sempre mantendo contato com o senhor. Por meio do seu trabalho, talvez eu possa pagar por tudo o que fiz. Por intermédio do seu trabalho, talvez um dia a verdade seja conhecida.

Caminhando a passos quase solenes, Garganta Profunda foi na direção da câmara de vidro.

Com o coração batendo forte, quase doendo de curiosidade, Mulder foi com ele.

Lado a lado, os dois homens olharam pelo visor. A câmara estava vazia.

Mulder virou-se de costas, igualmente vazio.

Todo aquele enorme laboratório parecia vazio, sem som, sem vida, sem esperança.

Em silêncio, Garganta Profunda saiu da sala.

Sem dizer coisa alguma, Mulder o seguiu... pelo corredor deserto e pelo elevador, até o andar térreo.

Caminharam até saírem do prédio e ficaram parados na chuva fria que havia começado a cair.

Mulder mal sentia os pingos gelados. Todo o seu corpo parecia adormecido, da cabeça aos pés.

- Está muito calado, senhor Mulder - observou Garganta Profunda.

- Eu só estava tentando imaginar - disse Mulder.

- Tentando imaginar o quê?

- Em qual das suas mentiras eu deveria acreditar - respondeu Mulder friamente.

Um mero fantasma do que poderia ter sido um sorriso apareceu brevemente no rosto sombrio de Garganta Profunda.

- Então, parece que eu consegui lhe ensinar alguma coisa - disse ele. - Seja paciente. Ainda vai ver mais coisas.

Puxando a gola para cima do pescoço, ele caminhou no meio da escuridão da noite.

- Mulder - disse a voz de Scully.

Ele se virou. Dois policiais do Exército a estavam libertando. Ela juntou-se a Mulder no meio da chuva fina, mas as atenções dele já estavam voltadas para outra coisa.

Ela acompanhou o olhar dele e viu no escuro a sombra de Garganta Profunda.

Os dois ficaram olhando juntos, enquanto aquele homem misterioso desaparecia na escuridão fria e molhada, levando consigo as esperanças de Mulder de encontrar uma verdadeira EBE... pelo menos dessa vez.

Fim